



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

BRENDA FARIA BRAGA DE SOUSA

**O ENSINO DE ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A 1ª
FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MIRACEMA DO TOCANTINS/TO

2019

BRENDA FARIA BRAGA DE SOUSA

O ENSINO DE ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A 1ª FASE
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Universitário de Miracema, Curso de Pedagogia para obtenção do título Licenciada em Pedagogia sob orientação da Profª Ms Rosemeri Birck.

MIRACEMA DO TOCANTINS/TO

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

S725e Sousa, Brenda Faria Braga de .
 O ensino de Arte no contexto escolar: reflexões sobre a 1ª fase do
 Ensino Fundamental. / Brenda Faria Braga de Sousa. – Miracema,
 TO, 2019.
 61 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
 Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2019.
 Orientadora : Rosemeri Birck

 1. Ensino de Arte. 2. Formação de professores . 3. Prática
 docente . 4. Educação Básica. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

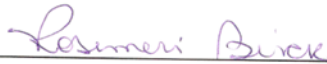
BRENDA FARIA BRAGA DE SOUZA

O ENSINO DE ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR:
RELEXÕES SOBRE A 1ª FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Miracema, Curso de Pedagogia, para obtenção do título de Licenciado e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 1º/03/2019.

Banca Examinadora:



Profª. Msc. Rosemeri Birck, Orientadora, UFT



Prof. Dr. Vitor Antonio Cerignoni Coelho, Examinador, UFT



Prof. Msc. Adriana dos Reis Martins, Examinadora, UFT

Dedico esta conquista, primeiramente ao meu bom e zeloso Deus, que me dá forças e sabedoria para continuar. Aos meus familiares, esposo e amigos, que em meio à tempestade foram e são luzes em minha vida, e sempre me incentivaram a continuar mesmo quando desanimei. Agradeço a minha professora, orientadora e amiga Rosemeri Birck por acreditar no meu potencial e me instruir pelo caminho correto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à Deus por me permitir vivenciar essa experiência tão valiosa e ao mesmo tempo dolorosa, que é cursar nível superior. Mas não somente isto, e sim fazê-lo com êxito e paciência. Agradeço aos meus pais, Sandra e Valdirene por me criarem nos ensinamentos de Deus, na honestidade e bondade. Ao meu irmão Ricardo por sempre me fazer sorrir nas horas difíceis.

Sou grata ao meu querido esposo Higor, pelo incentivo e carinho quando pensei em desistir, e por me apoiar tanto na minha jornada acadêmica e de vida. Agradeço aos meus amigos, em especial a Nathally, amiga e companheira de Curso e irmã de coração, que sempre esteve do meu lado e me apoia imensamente em minhas decisões. Meus agradecimentos também ao Thiago, primo e amigo da família por toda a ajuda ao ingressar na Universidade.

Agradeço aos meus professores que contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal, pois o curso transcende o lado profissional, formando e preparando para a vida. Em especial, meus agradecimentos a minha professora, orientadora e amiga, Rosemeri Birck, por ter paciência nesta caminhada, não somente neste trabalho, mas nas pesquisas do PIBIC realizadas em conjunto, e cada mérito que alcancei na academia, devo a ela.

Agradeço aos professores participantes da Banca Examinadora que dividiram comigo este momento tão importante e esperado: Prof^a Ms. Rosemeri Birck, Prof^a Ms Adriana dos Reis Martins e ao Prof. Dr. Vitor Antonio Cerignoni Coelho.

A vocês os meus mais puros e profundos agradecimentos.

RESUMO

Este estudo tem como tema o ensino de Arte no contexto escolar: reflexões sobre a 1ª fase do ensino fundamental. Na esfera geral buscou-se compreender o ensino de Arte no contexto escolar na 1ª fase do Ensino Fundamental. Especificamente objetivou-se conhecer o percurso histórico do ensino de Artes no Brasil e a inserção dessa disciplina na educação básica; refletir sobre o ensino da Arte e a formação docente e identificar os desafios deste ensino em duas escolas municipais da cidade de Miracema do Tocantins. Para o desenvolvimento metodológico do estudo o caminho se deu em três etapas: iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica, depois outra frente de trabalho foi a análise dos documentos, em especial das Unidades escolares e por fim a pesquisa de campo, que aconteceu em duas escolas. Foi aplicado um questionário semiestruturado aos professores que ministram a disciplina de Artes na 1ª fase do Ensino Fundamental. Foi possível concluir que este ensino passa por dificuldades com relação à formação, materiais para o desenvolvimento das aulas, e ainda é possível visualizar empenho por parte de alguns docentes para não prejudicar o ensino das crianças.

Palavras-chaves: Ensino de Arte; Formação de professores; Prática docente.

ABSTRACT

This study has as its theme, the teaching of Art in the school context: reflections on the first phase of Elementary School.

In general sphere, it was sought to understand the teaching of Art in the school context, on the first phase of elementary school.

Specifically, the goal was to learn about the history of Art teaching in Brazil and the introduction of this subject in basic education, to reflect about Art teaching and the teachers training and identify the challenges of its teaching in two municipal school in Miracema do Tocantins. For the study methodological development, the path was in three stages: It began with a bibliographical research, then, another work front was the analysis of the documents, especially from the school units, and finally the field research, which took place in two schools. A semi-structured questionnaire was applied to the teachers who teach Art on the first grades of elementary school. It was possible to conclude that this subject teaching faces some difficulties when it comes to teachers training, teachers materials for the development of classes.

Even so, it is possible to notice the commitment on the part of some teachers, so as not to prejudice the children's teaching.

Key-words: Art teaching; teachers training; teaching practice.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição de Turmas- Escola X.....	25
Tabela 2- Distribuição de Turmas- Escola Y.....	26
Tabela 3- Uso de materiais pelos professores.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE/CP	Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno
DCNEB	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
EAB	Escolinha de Arte do Brasil
EF	Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEA	Movimento Escolinha de Arte
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PPC	Projeto Político do Curso
PPP	Projeto Político Pedagógico
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
TO	Tocantins
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 LEGISLAÇÃO DE ARTE E SUA INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	16
3 ARTE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	29
3.1 Formação do professor em Arte	35
4 O ENSINO DE ARTE: A REALIDADE ESCOLAR E A PRÁTICA DOCENTE	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICE.....	59

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na elaboração de uma pesquisa apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), objetivando o nível de graduação de Licenciatura em Pedagogia, Câmpus de Miracema, na Universidade Federal do Tocantins, cuja discussão se faz acerca do ensino de Arte¹ no Ensino Fundamental em duas escolas municipais de Miracema do Tocantins.

O tema desta pesquisa envolve o ensino de Arte no contexto escolar e o objeto de estudo circunscreve-se no ensino de Arte na 1ª fase do Ensino Fundamental. Para compreender toda a trajetória que a Arte percorreu, foi necessário ter o entendimento da legislação, a compreensão do seu conceito a partir dos autores que estudam e discutem essa temática. Após este estudo, sabendo de sua importância formativa, voltou-se o olhar, especificamente, a respeito da práxis em Arte na 1ª fase do EF, buscando entender como ocorre esta prática docente.

Frente ao exposto, com o presente trabalho buscou-se responder qual é o contexto e em que condições se dá o ensino de Arte em duas escolas da rede municipal de Miracema do Tocantins. Para tanto, objetivou-se apreender o percurso histórico do ensino de Artes no Brasil e a inserção dessa disciplina na educação básica; refletiu-se acerca do ensino de Arte e a formação docente, identificou-se os desafios postos para o ensino de Artes em duas escolas municipais da cidade de Miracema do Tocantins, nesse percurso foi fundamental, para então, compreender o ensino de Arte no contexto escolar na 1ª fase do Ensino Fundamental.

De acordo com a relevância do processo de construção da pesquisa, se faz necessário percorrer todo este processo, ou seja, compreender a legalidade do ensino da Arte e em seguida, entender como foram e ainda são as lutas dos arte-educadores para legitimar a disciplina de Arte. No decorrer deste estudo explicita-se que nem sempre a área de Arte recebeu a devida importância, nem mesmo estava contemplada nos currículos de forma obrigatória “pelo argumento de que, para o redirecionamento da educação brasileira, era necessária a recuperação dos conteúdos e que Arte não era conteúdo” (RODRIGUES, 2013, p. 74-75). Porém,

¹ A Arte enquanto componente curricular será escrita com letra inicial maiúscula, e para os demais segmentos da arte, letra minúscula.

com o passar do tempo, esse modo de perceber o referido componente curricular sofreu alterações, especialmente, a partir Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394/96, e que desde então a Arte como área do conhecimento passou a ter outra configuração e importância no campo da educação.

Colocar este tema em debate enfatiza a compreensão da relevância do ensino de Arte no processo de formação escolar. A dedicação aos estudos, pesquisas aprofundadas e discussões realizadas, em especial a partir dos anos 1980 pelos arte-educadores, sobre o tema, foi o que garantiu que hoje seja componente curricular obrigatório, assim como as demais disciplinas, que somadas, desempenham um importante papel no processo de formação humana. E mais, estudos como este colaboram para fortalecer ainda mais a Arte no ambiente escolar, na intenção de demonstrar que é equivocada a compreensão da Arte como uma disciplina de passatempo, ou seja, um descanso entre as disciplinas consideradas mais importantes ou mais “sérias”.

Nessa diretriz, Bacarin (2005, p. 86) destaca que já no século XIX as ideias utilitaristas da Arte se materializaram em instituições pedagógicas. A autora aponta que “Com o avanço, porém dos modelos industriais de produção e consumo o ensino do Desenho [...] ganharia progressivamente um viés acentuadamente utilitarista [...]” (p. 86), sendo considerada, portanto, importante e útil no ambiente escolar mas assim que passou a ter reconhecimento intelectual, deixou de adquirir tal importância para o capitalismo. Neste sentido, percebe-se que Arte faz pensar, questionar e colaborar na formação integral do ser humano.

Neste sentido Almeida (2012, p. 16) argumenta “[...] que as artes são expressões de identidades e culturas e sua compreensão requer conhecimento dos parâmetros que as regem e que transcendem o gosto pessoal [...]”. Então essa discussão desempenha uma função social, rompe os muros da escola, e se faz necessário tê-la neste ambiente, não de forma secundarizada, mas contextualizada e aprofundada teoricamente.

Consoante às ideias apresentadas acima, Kramer afirma que

A arte, por sua vez, não pode ser identificada à esfera do lazer: a criação artística é atividade livre, de grande significação para o homem e – tal como a ciência – deve deixar de ser alienada, tornando-se humana. (KRAMER, 2007, p. 39, grifo no original).

Ao compreender a importância dessa disciplina para a formação, é relevante apresentar os aspectos pessoais que motivaram o desenvolvimento desta pesquisa, pois é a partir dela que os aspectos acadêmico e social se desenrolam, ou seja, é através do interesse pessoal em querer aprofundar a discussão sobre determinado tema que o mesmo se torna possível ser pesquisado. Esse tema havia sido pesquisado quando da participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Na oportunidade, o plano de trabalho individualizado se restringia a apenas uma linguagem em Arte, no caso Artes Visuais, e para a pesquisa de conclusão de Curso a temática foi ampliada e aprofundada.

No âmbito acadêmico percebeu-se que pesquisas referentes a esse tema se faz de forma tímida, logo, acredita-se na possibilidade de contribuição para as reflexões e discussões dentro e fora da academia, tendo sempre em vista sua relevância no tocante ao processo de formação humana.

De acordo com os procedimentos metodológicos descritos para a realização deste trabalho, almeja-se, com o término deste, contribuir para discussões nas escolas, em especial, nas envolvidas na pesquisa, na universidade, bem como em eventos científicos da área. Sua divulgação nas escolas pode ocorrer em reuniões de planejamento coletivo, na qual todos os professores participam, visto que este debate é relevante também para os demais profissionais, pois se trata da formação e prática docente.

Visto a histórica banalização da disciplina de Arte no ambiente escolar, na sua contramão percebe-se a importante contribuição dessa área do saber na formação cognitiva. Essa leitura se revelou ainda mais forte nos estudos realizados e na prática em campo para a realização do projeto de Iniciação Científica, bem como, da constatação dessa realidade no contexto escolar.

Para atestar o que foi afirmado anteriormente, além da pesquisa de campo realizada no projeto de PIBIC, observou-se esse ensino nos estágios obrigatórios e em uma atividade de campo realizada através da disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de Arte e Movimento que compõe a grade curricular do Curso de Pedagogia, então reforçou ainda mais este contato com o contexto em que se insere o ensino de Arte no ambiente escolar.

Partindo do pressuposto teórico na perspectiva histórica e dialética, este estudo se refere à pesquisa qualitativa, por tratar-se de entender a teoria apresentada nesta temática em questão. Segundo Severino (2007, p. 119), “[...]”

cabe referir-se a conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas”. Trata-se de um trabalho descritivo, que visa um estudo detalhado do tema, envolvendo coleta de dados e a análise desses. Nessa diretriz, o estudo se deu por meio da pesquisa bibliográfica, documental, da Legislação e da pesquisa de campo. Pois, compreende-se que ao adotar tal metodologia, a compreensão do objeto e a reflexão sobre o ensino de Arte se torna possível.

Consoante à metodologia científica descrita acima, desenvolveu-se na pesquisa documental a consulta da Legislação no que concerne à Arte; o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Pedagogia da UFT, Campus de Miracema; o Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas, os planos de aula dos professores. Para a pesquisa bibliográfica buscou-se aporte em bibliografias especializadas do tema exposto, a exemplo de livros, dissertações, monografias, artigos e demais fontes, de forma a entender como está posta a sistematização de formação docente para o ensino de Arte, buscando reflexões dos autores relevantes ao tema.

Realizada esta etapa da pesquisa, desenvolveu-se a pesquisa de campo, que segundo Severino “o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio” (2007, p. 123). Esta parte se faz necessária para compreender como o ensino da Arte está sendo proposto no campo escolar. Para a coleta dos dados fez-se uso do questionário, que segundo Severino (2007, p. 125) é um “Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas [...], com vista a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo”. Contudo, utilizou-se o questionário semiestruturado, por considerar que esse instrumento de coleta de dados possibilita aos participantes manifestar-se de forma livre e espontânea.

A etapa da pesquisa de campo foi desenvolvida em duas escolas municipais, uma atende alunos do 1º e 2º anos e a outra do 3º aos 5º anos, assim, somadas, atendem estudantes da 1ª fase do Ensino Fundamental. Os participantes da pesquisa são professores dessas escolas e que ministram a disciplina de Artes.

Com a realização da pesquisa, o estudo está estruturado em três partes. A primeira intitulada “Legislação de Arte e sua inserção na Educação Básica” apresenta o percurso histórico da Arte até alcançar a configuração atual; as lutas e debates dos arte-educadores para que a mesma fosse inserida na Educação Básica e ter reconhecimento como disciplina no quadro educacional.

Na segunda “Arte e Formação de Professores”, argumenta-se a respeito do conceito de Arte para os autores relevantes da temática. Em seguida, apresenta-se a reflexão acerca da formação docente para o ensino da Arte no Brasil.

E por fim “O Ensino de Arte: a realidade escolar e a práxis docente” trata-se do resultado da pesquisa de campo sobre o ensino de Arte a partir do contexto de duas escolas municipais da cidade de Miracema. Os dados coletados a partir do questionário semiestruturado, aplicado a 10 professores da 1ª fase do Ensino Fundamental que lecionam a disciplina de Arte, revelam como se dá desse ensino no âmbito escolar.

2 LEGISLAÇÃO DE ARTE E SUA INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Para realizar o estudo a respeito do ensino de Arte no contexto escolar, e mais especificamente, seu ensino na 1ª fase do Ensino Fundamental, optou-se por compreendê-lo a partir da Legislação em Arte no Brasil. Com a inclusão obrigatória da Arte como área de conhecimento no currículo escolar dá-se ênfase a sua importância na formação tanto do professor quanto do aluno no processo de formação humana.

A arte no Brasil serviu, em especial, para atender aos interesses da família imperial. “As primeiras instituições de nível superior foram as escolas militares, os cursos médicos e a Academia Imperial de Belas Artes” (MIRANDA, 2006, p. 33). Logo se destacam os preconceitos ao ensino de Arte, pois “simbolizava a conservação do poder do império” (Ibidem). E o olhar eurocêntrico dos professores de Arte acabava menosprezando a cultura brasileira, e isto reforçou ainda mais as críticas a este ensino.

No Brasil do século XIX, segundo Ferraz e Fusari (2010), o desenho tinha grande importância para a industrialização. A mesma compreensão se contata no parecer elaborado por Rui Barbosa, no qual o ensino primário, em 1883, estava relacionado com o progresso industrial. O ensino do desenho tem nesse momento uma função utilitária, com a finalidade estava em preparar os estudantes para o trabalho no interior das fábricas ou aos serviços artesanais. Percebe-se, portanto, que a Arte tinha caráter essencialmente técnico.

O movimento de Arte-Educação iniciou no Brasil por influência de John Dewey², na Semana de Arte Moderna³, no ano de 1922. Essa discussão se intensificou, posteriormente, através da Escolinha de Arte do Brasil⁴ (EAB), criada em 1.948 no Rio de Janeiro, e seu principal precursor foi Augusto Rodrigues⁵, sendo inicialmente uma escola de arte para crianças e, com o passar do tempo foi se

² Filósofo e pedagogo norte-americano. Um dos precursores da corrente pragmatista e inspirador do movimento da Escola Nova no Brasil.

³ Manifestação artístico-cultural que ocorreu em São Paulo no ano de 1922, com o objetivo de propor uma nova visão relacionada a arte.

⁴ A Escolinha de Artes no Brasil criada, no Rio de Janeiro em 1948, por iniciativa de Augusto Rodrigues é um movimento da educação através da Arte que recupera e valoriza a arte infantil e a concepção de arte baseada na liberdade criadora e na expressão.

⁵Juntamente com Lúcia Alencastro e Margaret Spence fundaram a EAB.

difundindo, surgindo então o Movimento Escolinha de Arte (MEA) que, segundo Bacarin (2005) vislumbrava a transformação da prática dos professores e acreditava-se no respeito à criação da livre-expressão das crianças.

A difusão da Arte no Brasil sofreu influência da Escola Nova europeia e norte-americana, mas quando chegou aqui houve adaptações pelo fato de se tratar de culturas e povos distintos. Segundo Bacarin (2005, p. 111), “A Educação através da Arte, quando difundida no Brasil, assumiu a base psicológica da pedagogia”, almejando o respeito à expressão livre da criança, seu gesto traço, suas brincadeiras de faz-de-conta, sua espontaneidade.

Nota-se que a Arte estava direcionada a um ensino como livre-expressão. Após debates e embates realizados pela própria comunidade artística, observou-se que se buscava maior seriedade em Arte-educação no tocante ao embasamento teórico, pesquisa e a preparação de professores específicos para cada linguagem em Arte. Nessa diretriz, juntamente com o questionamento acerca da pouca teorização em Arte, Iavelberg (2014) esclarece que a livre-expressão, cujas reflexões acerca desta, se iniciaram, segundo Baumer (2009) por volta de 1960, e que, em oposição à escola tradicional, possibilita na criança o desenvolvimento do seu potencial criador e o equilíbrio emocional alcançado pela garantia da possibilidade expressiva. Essa liberdade de criar pretendia preservar a natureza da infância, visto que a Arte na escola tradicional seguia conteúdos e procedimentos selecionados a partir da lógica adulta, e somente na escola renovada que a livre-expressão surgiu.

A preocupação com a formação do professor de Arte aparece nos escritos de Barbosa (2011). A autora, em seus anos de pesquisa na área percebe a necessidade de sistematizar ações que melhorassem a formação do professor de Arte e do seu ensino, na dimensão de uma postura integralizadora. Inicialmente Barbosa chamou essas ações de Metodologia Triangular, mas com o passar do tempo e ao aprofundar suas pesquisas, viu que a metodologia se pautava na ação do professor e, a nomenclatura mais adequada seria abordagem. Logo, a Proposta Triangular envolve três vertentes: o fazer artístico, a leitura da imagem e a história da Arte. Barbosa (2012, p. XXIII) afirma que “O fazer arte exige contextualização, a qual é a conscientização do que foi feito, assim como qualquer leitura como processo de significação exige a contextualização para ultrapassar a mera apreensão do objeto”.

Então, a Abordagem Triangular está pautada nessas três vertentes citadas acima, sendo que não é o suficiente apenas contemplar uma obra artística, mas o fazer Arte é algo que se multiplica, sendo que a Arte rompe com o senso comum e exige criticidade para o exercício completo do desenvolvimento desta. A autora ainda acrescenta que este “triangular” serve apenas para ilustrar os três vértices do triângulo, mas os professores de Arte têm ensinado que este exercício pode se tornar um ziguezague através da contextualização entre as abordagens.

Pensando por este aspecto, a Arte começou a adquirir uma função social no campo educativo, sendo esta pautada no fazer artístico, e não apenas isto, mas na leitura da imagem e contextualização histórica. E nesta direção, constatou-se que houve o início da teorização da Arte em educação.

A Arte passou por variados processos, a ponto de ser questionada quanto à sua capacidade científica, de forma independente, pois era sempre vista como parte integrante de outras áreas do conhecimento. Ferraz e Fusari (2010, p. 40) apontam que no Parecer 540/77 sua redação reafirma este pensamento, de que Arte “[...] não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao saber das tendências e dos interesses” (p. 138). Embora tenha caráter interdisciplinar, a Arte tem suas características próprias enquanto ciência, tem conteúdo próprio, e foi isso que os arte-educadores buscavam alcançar. Com as mudanças no quadro educativo em geral, a Arte também passou por todos estes processos, desde o modo tradicional de ensino à tendência atual.

A compreensão de Arte e do seu ensino que se tem atualmente possui essa configuração, ou seja, a Arte como conhecimento, com conteúdo específico que precisa ser ensinado a professores e alunos, mas nem sempre foi assim. Historicamente, a Arte sofreu influência da tendência Idealista-Liberal⁶ e dentro dessa tendência estão as diferentes pedagogias que a Arte perpassou e está inserida atualmente. Sendo elas a Pedagogia Tradicional, Pedagogia Nova e Pedagogia Tecnicista.

⁶ Essa tendência defende que o aluno precisa desempenhar seu papel social baseado em suas aptidões individuais, perpetuando assim a cultura individual e fortalecendo as divisões de classe, pois nessa tendência a desigualdade social não é levada em consideração. Então era preciso viver em harmonia com as normas exigidas nessa sociedade.

Para Ferraz e Fusari (2010), a Pedagogia Tradicional tem suas raízes no século XIX e XX, e se observam suas manifestações ainda nos dias atuais. O conhecimento considerado válido advinha dos adultos considerados intelectuais. Na prática educativa, o ensino é mecanizado, desvinculado dos acontecimentos do cotidiano. Bacarin (2005) aponta que a Arte em seu modo tradicional possuía características de reprodução de obras de arte, sem questionamento, no qual o professor era o detentor do conhecimento. E o ensino de Arte era basicamente o ensino de desenho como treino para a sua reprodução.

Na Pedagogia Nova, também conhecida como movimento do Escolanovismo ou da Escola Nova, que surgiu no Brasil por volta do ano de 1930, propôs um ensino de Arte que rompia como a tendência tradicional, de uma prática pela cópia. Numa outra perspectiva, agora atrelado a psicologia, possibilitou aos estudantes a capacidade de pensar e produzir livremente.

Ferraz e Fusari (2010) afirmam que essa pedagogia considera menos significativa a estruturação racional e a lógica dos conhecimentos, como acontece na pedagogia tradicional. As autoras ainda complementam que o produto que resultasse da sua produção não importava, e que esse 'aprender fazendo' o capacitaria a atuar cooperativamente na sociedade em que vive. O centro do ensino deixa de ser o conteúdo e o professor e se transfere para a aprendizagem do aluno.

De dois polos contrários surgiu a Pedagogia Tecnicista na educação. Introduzida nas escolas brasileiras por volta dos anos de 1960 e 1970, esta tendência aparece no momento em que a educação não consegue suprir as necessidades de formação de profissionais, em níveis médio e superior, para atender ao mundo da tecnologia em expansão. A escola nesse momento, segundo Ferraz e Fusari (2010), precisava formar os educandos sob o viés tecnicista e o profissional da educação passa a ser considerado um 'técnico' responsável por um competente planejamento dos cursos escolares.

Sem preparação acadêmica suficiente para atender as exigências de formação, de acordo com as autoras em pauta, os profissionais se apoiavam em livros didáticos, e muitas vezes até copiavam o sumário, pois tinham pouca fundamentação teórico-metodológica de ensino e aprendizagem de arte.

Ainda sob a perspectiva das tendências na educação, surge na década de 1960 a tendência realista-progressista, da qual surgem discussões acerca da responsabilidade que a escola desempenhava enquanto formadora social.

Influenciadora de novas tendências – histórico-crítica ou crítica social dos conteúdos – esta tendência não atribuía somente à escola o encargo pela conscientização política e social, mas ela é um dos segmentos. Essa conscientização política ocorre também na prática social. “A educação escolar [...] deve assumir a responsabilidade de dar ao educando o instrumental necessário para que ele exerça uma *cidadania consciente, crítica e participante*”. (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 44, grifo no original).

A partir das tendências pedagógicas constantes no campo da educação observam-se diferentes modos de ensino. Nesse sentido, Bacarin (2005) argumenta sobre as tendências atuais do ensino de Arte apresenta pontos importantes que a diferencia das demais tendências. Bacarin (2005, p. 145) ao fazer uso das afirmações de Pessi (1994), revela que “um ponto que distingue as propostas contemporâneas de ensino da arte das concepções anteriores é um compromisso maior com a cultura e a história”.

Outra característica importante é a preocupação com o desenvolvimento da capacidade de apreciar obras de arte (BACARIN, 2005) e, por fim, a ampliação do conceito de criatividade que, somado aos demais elementos citados, representa o novo paradigma para o ensino de Arte.

O ensino de Arte é identificado pela visão humanista e filosófica que demarcou as tendências tradicionalista e escolanovista. Embora ambas se contraponham em proposições, métodos e entendimento dos papéis do professor e do aluno, ficam evidentes as influências que exerceram nas ações escolares de Arte. Essas tendências vigoraram desde o início do século e ainda hoje participam das escolhas pedagógicas e estéticas de professores de Arte. (PCN, 1997, p. 17).

Ainda segundo os PCN em Arte, desde os anos 1990, foram mobilizadas novas tendências curriculares em Artes, principalmente a inclusão da Arte com conteúdos próprios ligados a cultura artística e não apenas como atividade.

Conforme observado até o momento, o ensino de Arte que se tem nas escolas passou por vários processos de mudanças. Inicialmente, na legislação, seguido de mudanças na realização do seu ensino e no aspecto da aprendizagem. Entender este processo possibilita ter a dimensão da importância deste ensino no âmbito escolar. Iniciar este estudo pela lei amplia a compreensão de que as alterações realizadas refletem as aspirações e necessidades de cada época.

Neste sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 4.024, aprovada em 20 de dezembro de 1.961, ao regulamentar a educação

nacional, indica que o ensino das atividades artísticas no Ensino Primário era diferente para meninos e meninas, e também se adequava à idade:

Art. 26. O ensino primário será ministrado, no mínimo, em quatro séries anuais. Parágrafo único. Os sistemas de ensino poderão estender a sua duração até seis anos, ampliando, nos dois últimos, os conhecimentos do aluno e iniciando-o em técnicas de artes aplicadas, adequadas ao sexo e à idade (BRASIL, 1961).

Nesta perspectiva, Martins (2014) afirma que na matriz curricular de muitas escolas de Estados e Municípios a nomenclatura que se dava à Arte naquela época era Desenho. Caminhando para mudanças, na reforma da educação básica sob n. 5.692, aprovada em 11 de agosto de 1.971, constatou-se que o ensino da educação artística - nomenclatura que se oficializou nesta reforma - passou a ser obrigatória nos 1º e 2º graus. Em seu artigo 7º: “Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus (...)”. (BRASIL, 1.971).

Nessa reforma, o objetivo centrava-se na formação do desenvolvimento das habilidades dos alunos, na qualificação para o mercado de trabalho e no preparo para o exercício consciente da cidadania. Nesta perspectiva, Rosa Iavelberg (2014) afirma que a educação artística foi criada como atividade educativa e não como disciplina, não garantindo assim, sua inclusão no currículo. Segundo Duarte (1991, p. 80), “o seu objetivo último sempre foi [...] a eliminação de qualquer criticidade e criatividade no seio da escola, como a concomitante produção pessoal técnico para as grandes empresas”.

Segundo Correa:

[...] os professores que ministravam as aulas de Desenho, Música, Trabalhos Manuais, Canto e Artes aplicadas, sentiram-se ameaçados e despreparados ao perceberem que sua formação e saberes específicos haviam sido transformados em ‘atividades artísticas’. (CORREA, 2007, 104).

Assim, cabia ao professor o papel de integrar todas as linguagens artísticas, acarretando a exclusão de seus conteúdos específicos.

Na exigência dessa reforma faltaram profissionais capacitados para lecionar disciplinas no campo artístico, então se exigia das instituições de ensino

superior formação e capacitação destes profissionais. Nota-se que isto se originou através de grupos remanescentes da Escolinha de Arte do Brasil, pois apoiaram a polivalência, a expressividade e a espontaneidade, tentados por um projeto do Ministério da Educação (MEC) com remuneração, e segundo Miranda (2006) estes grupos foram a favor da preparação em dois anos do professor para lecionar todas as linguagens, tendo assim uma configuração polivalente.

Bacarin (2005, p. 114) enfatiza um questionamento acerca desta problemática “[...] será que os arte-educadores estão usando as minguadas verbas a que têm acesso como borracha para apagar a reflexão sobre as relações entre o poder e o saber? ”. Notou-se que dentre as linguagens artísticas que as artes plásticas foram privilegiadas em função da afinidade metodológica do professor e conseqüentemente da maior dificuldade em abordar as demais. Nessa perspectiva, Bello (2008), esclarece que uma das causas das dificuldades é a carência de preparação pedagógica e, apesar da implantação dos cursos de Licenciatura Curta com duração de dois anos, o que não assegurava formação integral aos profissionais.

Essa reforma permaneceu em vigência por 25 anos e foi alterada pela LDB n. 9.394 aprovada em 20 de dezembro de 1.996. Com a sua implantação, alterações ocorreram no que diz respeito à arte em seu Art.26, parágrafo § 2º: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 1996, p. 16).

Neste viés a Lei 13.415 de 2017 traz alteração: “§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica” (BRASIL, 2017, p. 345). Neste parágrafo pode-se observar que a Arte, enquanto componente curricular obrigatório da Educação Básica deveria envolver as expressões regionais, respeitar as características de cada região, trabalhar as peculiaridades de cada regionalidade, assim como está posta na Lei. A proposição da Lei nem sempre se concretiza na prática, ou seja, nem sempre são respeitadas as expressões e particularidades de uma determinada comunidade.

A partir deste momento acontecem as contradições advindas da obrigatoriedade deste ensino, pois não se cumpre à risca o que a lei exige. Nesta última modificação da Lei 9.394/96, a ênfase está no desenvolvimento cultural dos

alunos, mas o grande ganho obtido por esta área do conhecimento está corporificado na disciplina de Arte enquanto componente curricular obrigatório.

Na atual LDB a Arte se consolidou como área de conhecimento e, portanto, passou a ter maior notoriedade nos currículos escolares, bem como, a inserção de propostas de interdisciplinaridade entre as linguagens de Arte e entre outras áreas do conhecimento.

Posterior a essa Lei foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs com a finalidade de estabelecer uma referência curricular aos professores e apoiar a revisão e/ou elaboração da proposta curricular das escolas que integram o sistema de ensino, melhor explicando, foram pensados como base para a elaboração de currículos escolares. Segundo Lavelberg (2014) os PCNs de Arte foram criados em equivalência com as demais áreas do conhecimento e distribuídos para todas as escolas do país. Nos PCNs se pretendia trabalhar as quatro linguagens – artes visuais, dança, música e teatro – de modo específico, respeitando as características de cada área.

No ano de 2004 houve grande mobilização dos professores de música para que ela fosse incluída no currículo escolar. Para atender a estas mobilizações, foi criada a Lei 11.769/2008 que altera a LDB, conservando-a vigente, no entanto foi acrescido um parágrafo no Art. 26 afirmando a obrigatoriedade da música no currículo da Educação Básica. Esta lei passou a ter o seguinte texto: “§ 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (BRASIL, 2008).

Após esta reforma, houveram manifestações dos arte-educadores para que as artes plásticas e cênicas fossem incluídas no currículo como conteúdo obrigatório. Este projeto foi encaminhado para a Câmara dos Deputados em 23 de março de 2010, e neste mesmo ano foi criado um Projeto de Lei de nº 7.032-B, instituindo como conteúdo obrigatório a música, as artes plásticas e cênicas. Este Projeto altera os §§ 2º e 6º do artigo 26 da lei 9.394/96, e passa a ter a seguinte redação:

§ 2º O ensino de Artes, compreendendo obrigatoriamente a música, as artes plásticas e as artes cênicas, constitui componente curricular de todas as etapas e modalidades da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos estudantes.

§ 6º A música, as artes plásticas e as artes cênicas constituem conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º. (BRASIL, 2010, p. 2).

Sobre o prazo para adequação às mudanças:

Art. 2º O prazo para que os sistemas de ensino implantem as mudanças decorrentes da aplicação desta Lei, relativamente ao ensino de artes plásticas e artes cênicas, incluída a formação dos respectivos professores em número suficiente para atuar na educação básica, é de 5 (cinco) anos. (BRASIL, 2010, p. 2).

Neste documento, no Projeto de Lei nº 4, de 2011, nos esclarece sobre a distribuição das disciplinas por níveis da educação básica. Observa-se:

I – O conteúdo será distribuído entre as diversas séries e níveis da educação básica pelas escolas, abrangerá obrigatoriamente as áreas de: a) música, teatro e dança; b) artes visuais (artes plásticas, fotografia, cinema e vídeo) e design; c) patrimônio artístico, cultural e arquitetônico. (BRASIL, 2011, p. 4)

E ainda sobre este documento, nota-se que os professores devem ter formação específica para lecionar essas linguagens. “II – As atividades serão sempre ministradas por professores com formação específica, nas diferentes séries”. (Projeto de Lei nº 4, de 2011).

Ao consultar a Base Nacional Comum Curricular- BNCC, documento que foi aprovado em 2017, viu-se a importância que o ensino da Arte possui e seu papel na vida escolar e social dos estudantes. Neste aspecto:

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico, plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. (BNCC, 2017, p. 191).

Compreendendo este processo histórico das alterações na LDB, buscou-se também conhecer a Constituição do Estado do Tocantins no que tange ao ensino de arte:

TÍTULO XIV, CAPÍTULO I, Seção I, Art. 124.

II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; (CONSTITUIÇÃO DO ESTADO, 1989, p. 90).

Art. 125- V - Acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um. (CONSTITUIÇÃO DO ESTADO, 1989, p. 90).

O Plano Municipal de Educação do município de Miracema- TO foi aprovado na Lei n. 409 de 27, de maio de 2015, que tem vigência de dez anos a partir da data de sua publicação. Comumente, a partir desse documento, tem-se acesso às propostas de educação, do ensino dos componentes curriculares e, dentre eles, o de Arte. Porém, ao analisá-lo atentamente observou-se que não há em específico algo que trate do ensino de Arte da Educação Infantil e do Ensino Fundamental no referido documento.

Consultou-se, também, o Projeto Político Pedagógico (PPP) o documento institucional que contempla os dados e características de cada escola, bem como, norteia o trabalho de ensino-aprendizagem. A escola “X” criada pela Lei 035/2005, atende estudantes da Educação Infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental, sendo o 1º e 2º ano. Com 339 crianças matriculadas, funciona no turno matutino das 07h às 11:15 min e no turno vespertino das 13h às 17:15min.

Segundo o PPP do ano de 2016⁷ os alunos estão assim distribuídos:

TABELA 1- DISTRIBUIÇÃO DE TURMAS – ESCOLA X				
TORNOS	PRE I	PRE II	1º ANO	2º ANO
MATUTINO	2	2	3	1
VESPERTINO	2	3	3	2
TOTAL TURMAS	18			

Fonte: Autora (2019).

A escola dispõe de sete professores de Arte, sendo que alguns professores lecionam em mais de uma turma, da mesma série ou séries diferentes. Os estudantes possuem uma aula de Arte semanal, com duração de 1 hora.

No PPP consta o projeto, “Hora do conto”, criado com o intuito de incentivar o hábito de leitura e escrita e despertar a imaginação. É desenvolvido dentro das salas de aula através de dramatização, do teatro, com utilização de fantoches e caracterização, conforme o tema da história a ser contada. Observou-se

⁷ O Projeto Político Pedagógico do ano de 2018 foi encaminhado à Secretaria de Educação para correções e aprovação. Até o dia da pesquisa de campo o mesmo não havia retornado à Unidade, então para consulta de dados oficiais utilizou-se o PPP do ano de 2016, sendo que no ano de 2017 não houve atualização de dados segundo servidores da escola. Mas, segundo a coordenadora pedagógica neste documento houve alterações somente no nome dos servidores, os conteúdos e demais dados permanecem os mesmos desde então.

então, a preocupação da equipe pedagógica em trabalhar de forma interdisciplinar os diversos conteúdos escolares numa mesma atividade.

A escola “Y” criada na Lei n. 004/1997, em 28 de fevereiro, atende estudantes das séries finais da primeira fase do Ensino Fundamental, 3º ao 5º ano e turmas da Educação de Jovens e Adultos- EJA. Com 385 alunos matriculados, destes 359 frequentam a Educação Básica e 26 são alunos do EJA. A escola funciona no turno matutino das 07h às 11:15min, no turno vespertino das 13h às 17:15min e no turno noturno das 19h às 22h.

Segundo o PPP desta unidade escolar os alunos estão assim distribuídos:

TABELA 2- DISTRIBUIÇÃO DE TURMAS – ESCOLA Y			
TURNOS	3º ANO	4º ANO	5º ANO
MATUTINO	3	3	2
VESPERTINO	3	2	1
TOTAL TURMAS	14		

Fonte: Autora (2019)

A escola conta com quatro professores de Arte, e ocorre a mesma situação da escola “X”, sendo um professor responsável por mais de uma turma. Por semana os estudantes têm uma aula de arte com duração de 1 hora. No PPP consta o projeto “O Brasil de todos”, voltado indiretamente para a disciplina de Arte, visto que tem como principal objetivo a realização de um evento cultural, típico das regiões, bem como inserir a comunidade local no contexto escolar. Este projeto acontece no mês de novembro com a participação da equipe pedagógica da escola.

Sabendo da importância do planejamento pedagógico para o ensino, consultou-se o Plano Anual da disciplina de Arte que nas duas escolas é utilizado pelos professores no planejamento de suas aulas. Para cada série existem os eixos, conteúdos, competências, habilidades, metodologia e os recursos a serem utilizados. No 1º ano o eixo traçado predomina a dança, a música e os desenhos livres, observou-se que as quatro linguagens estão contempladas, mas o plano só menciona por escrito dança, teatro e música sendo que de acordo com Ferraz e Fusari (2010, p.75) as artes visuais contemplam as duas primeiras linguagens citadas acima. Os conteúdos estão ligados ao eixo norteador, com proposições de atividades de dança, músicas e cantigas de roda, colagem, pintura, desenho, confecção de objetos, teatro.

De acordo com o Plano Anual da escola “X”, ao desenvolver essas atividades o estudante poderá ser capaz de ampliar o pensamento artístico, expressar sentimentos e desejos. A metodologia apontada neste Plano não nos dá a dimensão de como essas atividades são realizadas, pois o mesmo não as descreve, apenas cita o que se pretende trabalhar com as crianças. Os recursos a serem utilizados são materiais oferecidos pela escola, como livros didáticos, giz, cola, tesoura, cartolina, papel sulfite, dentre outros.

O Plano Anual do 2º ano contempla as quatro linguagens em Arte, e as datas comemorativas começam a fazer parte de atividades realizadas na escola. Segundo esse documento, a criança que se expressa e sabe se comunicar por meio das Artes mantêm uma atitude de busca pessoal e coletiva articulando a percepção, a imagem, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas. Percebe-se que nessas séries iniciais do Ensino Fundamental a confecção de objetos se faz fortemente presente.

No Plano anual do 3º notou-se que há predominância de três linguagens em Arte, sendo a dança, a música e as artes visuais, o teatro não está contemplado. Observou-se ainda que a criação de cores é um elemento que nas séries iniciais do EF está ausente, mas a preocupação com as datas comemorativas é um ponto que se assemelha entre as séries. As competências a serem alcançadas são as mesmas propostas ao 2º ano.

No Plano Anual do 4º ano a história da Arte consta como conteúdo programático; contempla as quatro linguagens em Arte, e nota-se que a produção artística é predominante, pois as atividades propostas possuem características dessa linguagem, como por exemplo: pintura, colagens, dobraduras, desenho livre e/ou dirigido. Há a indicação de concurso de desenho, que tem por objetivo incentivar a criatividade e imaginação dos estudantes, que é visto pelos professores de forma positiva, pois o esforço para a realização dos desenhos é maior, pois se trata de uma competição, logo, deduz-se que cada um se empenha da melhor maneira.

O Plano Anual do 5º se baseia no Plano do 4º ano, pois é o mesmo profissional que leciona para as duas séries e, além disso, o livro pedagógico de Arte contempla o 4º e 5º ano, sem fazer distinção, ou seja, são os mesmos conteúdos, mesmas habilidades e competências para as duas turmas.

No estudo e análise documental incluiu-se o planejamento individual dos professores de Arte. Alguns deles planejam mensalmente, outros semanalmente. Ao analisar os planos de aula de todos os professores de Arte, conclui-se que no planejamento destes estão contempladas as propostas de conteúdo dos Planos Anuais, ou seja, ao planejarem suas aulas, os professores se fundamentam neste documento e desenvolvem atividades, considerando as proposições do Plano Anual.

A permanência do docente na unidade escolar é fundamental para que o planejamento, que é proposto à longo prazo, se efetive. Somado a isso, o ensino de todos os componentes curriculares, e no caso, o ensino de Arte, preciso ser sistematizado para que o educador possa planejar e executar as atividades com menor risco de interromper o processo educativo. A práxis pedagógica alcançará maiores êxitos quando planejada a partir de conteúdos que considerem o conhecimento historicamente produzido e num processo de ensino que valorize o papel do educador como mediador do processo de aprendizagem.

Na discussão a seguir, trata-se da conceituação de Arte em seus variados aspectos e múltiplos autores que se dedicam a esta temática e, além disso, a formação dos professores para lecionarem esta disciplina, o próximo capítulo se encarregará de expor estas questões.

3 ARTE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Compreender a Arte nos percursos históricos do seu ensino na educação brasileira, na legislação e na formação do professor demonstra a importância dessa área de conhecimento na formação humana. Dito isso, passa-se, então, a refletir a respeito das concepções de Arte, do seu ensino de Arte e da formação do professor de Arte.

Na perspectiva da psicologia de Vigostki, Duarte (2008), analisa a arte como uma técnica criada pelo homem para dar uma existência social objetiva aos sentimentos, possibilitando que os indivíduos se relacionem com esses sentimentos como um objeto, como algo externo que se interioriza através da catarse. Duarte (2008) nos esclarece que através da catarse o conhecimento da realidade se torna possível de forma consciente e, atrelado a isto, a Arte, aplicada como instrumento de compreensão do cotidiano facilita este processo, sabendo que esta intensifica as emoções, por este motivo precisa ser trabalhada de forma séria e com comprometimento, rompendo com a ideia de que Arte não necessita de teorização.

Por muitos anos a Arte na escola foi pensada com a finalidade de formar artistas, e pouco se pensavam sobre a possibilidade de desenvolvimento do indivíduo em suas múltiplas capacidades, inclusive na sensibilização de uma consciência cidadã, alcançadas através do ensino da Arte. Iavelberg (2014) aponta que a partir das mudanças paradigmáticas no ensino da Arte desde os anos 80, esta rompeu com sua característica de pura expressão e passou a somar este aspecto à interação com a produção social e histórica em sua diversidade, integrando saberes acerca do seu sistema.

Neste sentido, a Arte precisa ser pensada como um processo de aprendizagem, que possibilita superar obstáculos presentes no cotidiano de forma criativa e crítica. “Assim, o fazer artístico está pautado na reflexão e nas condições propícias para a expressão e criação de novos códigos de interpretação da realidade” (CANDA; BATISTA, 2009, p. 08). Nesta linha, Iavelberg (2014), afirma que as diversidades de culturas, as vivências, articuladas ao saber escolar proporciona uma ligação entre a escola e a vida social, “dando ao aluno uma visão de si como ser histórico, criador que se reconhece na sociedade em que vive” (p. 55).

Nessa mesma diretriz, Soares e Carvalho (2008, p. 03), apontam que “A arte permite ao sujeito experimentar, por meio dos seus sentidos, situações inusitadas. Coloca-o na condição de autor ou co-autor do processo de estruturação da consciência humana”. Então o sujeito está em constante envolvimento com o mundo, e para atestar Ferraz e Fusari (2010, p. 21), afirmam que “a arte é o movimento na dialética da relação homem-mundo”.

Sandra Richter (2011), afirma que para haver construção de conhecimento é necessário que a criança estabeleça equilíbrio, dinâmico e dialético entre uma ação racional e uma imaginação criadora. Na educação infantil as crianças aprendem muito com o lúdico e a imaginação criadora está fortemente presente. Trabalhar a imaginação é possibilitar a elas reconstruir o mundo à imagem de seu entendimento. Ao conseguir reconstruir o mundo a partir de suas perspectivas, a criança vai se constituindo enquanto um ser que cria. Logo, a arte é um campo de aprendizagens e na formação integral do ser humano.

Só a arte pode fazer todas as coisas. A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torna-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. (FISCHER, 2002, p. 57).

Para Ferraz e Fusari (2010), a Arte não se resume apenas em conhecimento, e nem possui somente uma função reveladora, ou cognoscitiva. A arte tem aspectos de execução e realização, e antes de tudo a arte qualifica suas eventuais funções. Dito de outro modo, segundo as autoras, a arte revela frequentemente o sentido das coisas, além de ensinar uma nova maneira de olhar e ver a realidade, sendo estes olhares reveladores pelo fato de serem construtivos.

As autoras ainda acrescentam que arte não se resume em executar, produzir, realizar, o simples ‘fazer’ não basta para definir a sua essência. A arte é invenção, pois ela possibilita o ato de inventar na execução de algo. Em linhas gerais “a arte é, portanto, um fazer em que o aspecto realizativo é particularmente intensificado, unido, e um aspecto inventivo”. (FERRAZ; FUSARI, 2010, p.105).

Observa-se que o pensamento da professora Noêmia Varela (1998) citada por Ferraz e Fusari, instiga a refletir sobre como a arte vai além do que se pode imaginar:

Não é um campo de atividade, conteúdos e pesquisas de pouco significado. Muito menos está voltado apenas para as atividades artísticas. [...] tem sentido profundo, desempenha papel integrador plural e interdisciplinar no processo formal e não-formal da educação. (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 19).

Zamboni (2012) esclarece sobre a importância que a arte tem como campo do saber. E para isto o autor faz uma analogia entre a ciência e a arte, e ao longo da obra mostra características únicas do campo artístico que a caracteriza como área do conhecimento humano. Para Zamboni (2012, p. 10), “pesquisa é premeditação e essa, por sua vez, é racional”, ou seja, para realizar qualquer tipo de pesquisa, faz-se uso do caráter racional, e isso não é diferente para arte. O autor menciona que a arte não se faz somente pelo inconsciente, sensibilidade e intuição, mas também interligando tudo isso com a consciência e o pleno domínio intelectual.

Buscou-se também compreender a Arte partir de Coli (1995). Este afirma ser muito difícil chegar a uma conclusão do que seja Arte, visto que suas respostas são divergentes e contraditórias, pois “tantas e tão diferentes são as concepções sobre a natureza de arte” (p. 7). Pensando por este aspecto, isso se deve ao fato da Arte ser subjetiva e, segundo Zamboni (2012), a Arte abre um leque para questionamentos, não sendo algo direto, objetivo, ou seja, cada indivíduo possui sua própria ideia acerca desta área do conhecimento.

Em busca de um conceito mais aprofundado de Arte, Baumer (2009) apresenta pensadores como Platão, Aristóteles, Kant, Pareyson, sendo estes, importantes para entendermos como surgiu Arte no meio social e posteriormente no ambiente escolar. Segundo Baumer, Platão defendia que Arte não se distinguia da ciência, ou seja, toda a prática humana era considerada arte.

Já Aristóteles delimita o conceito apresentado por Platão, afirmando que Arte é um hábito acompanhado pela razão, quando se produz algo mediado pela razão, considerando apenas a arquitetura, a retórica e a poética, descartando a analítica, a física ou a matemática. De acordo com Baumer (2009) diante desses conceitos apresentados já se percebe a ligação, intencional ou não entre arte, conhecimento, sociedade e educação.

Baumer (2009) aponta as reflexões a partir da obra de Immanuel Kant *Crítica da faculdade do juízo* em 1790, na qual apresenta precipuamente as reflexões sobre “a capacidade de juízo estético das pessoas a partir da reflexão sobre os conceitos de belo” (BAUMER, 2009, p. 25). Para Kant, segundo Baumer, o

que pode ser considerado Arte é somente a produção mediante a liberdade, colocando a razão como base de suas ações.

Ainda a respeito do conceito de Arte, Luigi Pareyson (1966) *apud* Baumer (2009, p. 25), “apresenta três definições da arte: arte como fazer (enquanto produção), como conhecer (enquanto contemplação) e como exprimir (enquanto expressão)”. Para este autor a Arte consiste no produzir de um objeto novo, que não existia, e passou, através da Arte a existir.

Na busca da compreensão do conceito de Arte percebe-se que uma de suas funções está caracterizada na “expressão”, e esta, de acordo com Abbagnano (2000), citado por Baumer (2009 p. 26), “consiste em manifestar-se através de símbolos”. Utilizando-se dos pensamentos de Kant (2008), Baumer (2009) aponta que o conceito de linguagem é igual ao de Arte quando se afirma que Arte é o modo de expressão dos homens, que serve para comunicar-se, não só através de conceitos, mas também por sensações, e isto envolve articulação, gesticulação e modulação.

Há outro termo – o da comunicação - que se relaciona a Arte, e que é muito difundido. Esse termo possibilita a interação e relação entre pessoas, provocando a alteridade na constituição da realidade. Na obra de arte, o autor quando a produz, se expressa e comunica alguma mensagem.

Baumer (2009) afirma que a Arte está no cotidiano das pessoas como expressão, comunicação e também como suporte para muitas de nossas ações, um exemplo disso é que se produz música para a musicoterapia, sendo produções feitas por artistas, com a finalidade terapêutica através do poder do som. O que não se pode esquecer é que esse tipo de rotulação da Arte banaliza seu objetivo principal, que é o da formação integral do estudante, e considerá-la apenas como sendo útil para determinado fim, diminuindo-a diante das demais disciplinas. Esclarecendo mais sobre este assunto, Almeida (2012) faz uma crítica considerável quanto a este caráter utilitário da Arte e aponta que:

Na opinião de muitos professores, as artes têm um caráter utilitário, meramente instrumental. O desenho, por exemplo, serviria para ‘ilustrar os trabalhos de português, ciências, geografia’ e para ‘formar hábitos de limpeza, ordem e atenção’, desenho, música e dança podem desenvolver ‘a coordenação motora’ e ‘a percepção auditiva’, o teatro e a música podem ajudar na aprendizagem ou na fixação de conteúdos de outras disciplinas, assim como no ‘desenvolvimento da atenção, da concentração’, a música também é lembrada por seu caráter disciplinador- ‘serve para as crianças

ficarem quietas'- ou para distrair e acalmar os alunos: 'é bom para relaxar', 'serve para descansar a cabecinha das crianças. (ALMEIDA, 2012, p. 12).

Almeida (2012) afirma que o motivo mais importante de ter Arte na educação básica é que ela é parte do patrimônio cultural da humanidade, e uma das principais funções da escola é preservar esse patrimônio e dá-lo a conhecer. Então, Arte transcende esse pensamento puramente utilitário.

Diante das funções da Arte, nota-se que quando se produz uma obra de arte, esta está impregnada de identidade, pois o artista representa seu tempo e o grupo social do qual participa, e nisso está atrelada a diversidade cultural. Nessa perspectiva consegue-se visualizar o elo entre Arte e sociedade. Baumer (2009), ao considerar a compreensão de Pareyson (1966) destaca o aspecto contemporâneo presente na Arte:

'Há defensores decididos da impessoalidade da arte. A arte, dizem alguns, é produto do ambiente: ela reflete uma época, um povo, um grupo. A individualidade do artista não é senão o trâmite desta voz coletiva que busca expressão na arte: não criadora mas portadora, não inventora mas executora, não iniciadora mas mediadora'. (PAREYSON, 1966, *apud* BAUMER, 2009, p. 32).

Consoante a Coli (1995), Baumer (2009) ao concordar com Pareyson (2001), afirma que Arte é expressão da subjetividade única, sendo singular e irrepitível e é nutrida pelo ambiente e pela sociedade em que vive. Diante dessa constatação, da importância da Arte no meio social Baumer (2009), dá ênfase ao pensamento de Souriau (1983) por este considerar que

'[...] a arte não é apenas o que faz a obra, é aquilo que a conduz e orienta'. É uma espécie de saber diretor e promotor, uma sabedoria instauradora. É o conjunto de ações orientadas que conduzem o ser nada, o caos inicial, à realização da existência completa. Sendo assim, a finalidade da arte é a existência do ser singular que, para o autor, são as músicas, as pinturas, as esculturas, os poemas e outros produtos da atividade artística, onde 'a arte fabrica seres suscetíveis de exercerem uma ação nos homens' (BAUMER, 2009, p. 34).

Nessa perspectiva não se pode desvincular Arte de cultura, pois a primeira, segundo o autor citado, está intrinsecamente ligada à sociedade, e dentro desta sociedade está presente a cultura. Então Coli (1995, p. 8) afirma que a Arte "são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é

admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia”.

Sans (1995, p. 95), diferente da linha de raciocínio de Coli, aponta que “para uma produção ser considerada arte, não basta ter sido produzida com essa finalidade, mas também ter sido apreciada e considerada como tal pela comunidade”⁸, ou seja, ela precisa passar por uma aprovação e possuir características de um objeto artístico, que já possuímos como esboço de uma obra de arte.

A Arte permanece ainda muito atrelada à produção artística, como quadros, esculturas, peças de teatro. Embora sabendo que isto é arte, não se pode esquecer que por detrás de todas essas manifestações artísticas existem conceitos, criações e reflexões. Logo, visto que a escola é o ambiente inicial para a sistematização do saber e da aproximação com a Arte, é nesse lugar que se deve estudar e trabalhar seus conceitos e fazer reflexões acerca da Arte, seja ela como conhecimento ou criação.

Ao relacionar a Arte com a cultura Canda e Batista (2009), esclarecem que a arte no Brasil vem sendo pensada nas escolas como um meio que contribui para a formação pessoal e cultural dos alunos, e por isso afirmam que Arte faz parte da cultura. Então, muitas vezes essa discussão é banalizada pelo pensamento de que qualquer pessoa ensina Arte, pesquisa neste campo e produz obras de arte sem investimento teórico, preparo técnico e investigação prática. Ao colocar a Arte apenas como ações de entretenimento, terapia, liberação emocional ou recreação, questiona-se sua capacidade de desenvolvimento crítico, e se não houver aprofundamento teórico nestas ações a fruição do intelecto ficará comprometida.

Para as Canda e Batista (2009), a experiência artística não tem destaque merecido nas escolas quanto ao trabalho cognitivo, corporal, afetivo e social. Isso se deve, segundo as autoras em pauta, porque a arte se contrapõe às práticas

⁸ Pode-se constatar esse olhar sobre a arte em uma cena do filme “O sorriso de Monalisa”, momento em que a professora apresenta um quadro que mostra carne em estado de decomposição, e uma de suas alunas diz que “aquilo” não é arte, pois “existem padrões, técnicas, composição, cor, temática”. Então a professora mostra um desenho e a foto de sua mãe, novamente a aluna afirmou que as imagens não eram obras de arte, sendo que “arte não é arte até alguém falar que é”, afirma a professora, e a aluna responde, “as pessoas certas”. Logo, na perspectiva da professora, qualquer pessoa pode nomear um objeto como arte, basta apreciá-lo e dizer que é arte.

pedagógicas tradicionais, e ultrapassa estes métodos de ensino, baseado na chamada educação bancária, apresentada por Paulo Freire (1999, p. 33), onde “o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam saber nada”. Nos paradigmas científicos positivistas da educação e, para as autoras, isso dificulta o reconhecimento da Arte como processo de cognição significativo para o desenvolvimento do pensamento e da ação.

Pensar a Arte como um campo que não requer intelectualidade comparada a outras matérias é desconhecer o conjunto do saber e do fazer de Arte constituído historicamente. Embora, sabiamente, este pensamento retrógrado vem sendo modificado lentamente por meio da legislação, de estudos, pesquisas e da valorização do ensino da Arte.

Canda e Batista (2009) enfatizam que o ato criativo presente na Arte possibilita o desenvolvimento da percepção do mundo e atuar nele, em busca de melhorias. A criação não é somente inerente ao artista, pois, no âmbito escolar, juntamente com sua teorização, os estudantes podem ser criativos e atuarem na sociedade com interesse e dedicação. Logo, a Arte na escola precisa transcender o senso comum, de que arte são apenas objetos artísticos retratando uma cultura ou só um conteúdo presente no currículo.

Mas, ao entender o trajeto de Arte no Brasil, percebe-se que primordialmente ela tinha um caráter técnico, tendo como objetivo capacitar estudantes para as tarefas do cotidiano, em especial o desenho. Posteriormente, com as discussões realizadas, a Arte passou de um ensino totalmente restrito para a chamada livre expressão, respeitando a livre criação da criança. Mas este método de ensino também foi muito questionado e criticado, pois o professor não fazia intervenção nas aulas e o estudante ficava a mercê da sua própria criação, sem entender ao menos o que produzia. Essa prática somente colabora para a desvalorização de Arte no espaço escolar.

O capítulo Formação do professor em arte se encarregará de tratar sobre o processo formativo no qual o profissional em educação percorre para atuar.

3.1 Formação do Professor em Arte

Sabendo agora da importância da Arte e seu ensino na escola e conseqüentemente fora dela, um ponto crucial para que isto seja possível ser

realizado, diz respeito à formação do professor, que precisa caminhar no mesmo sentido. Sabe-se que nos anos 1970 e 1980 a polivalência fez parte da preparação dos professores de Arte, característica que isto dificultava sua atuação. A formação polivalente consistia na apreensão, por parte dos professores, de todo o conteúdo de arte, mesmo sem ter formação para tal, o colocando como responsável por lecionar todas as linguagens de Arte, e dessa forma desapareciam as especificidades de cada uma, não sendo o professor, causador disso, e sim a legislação daquela época.

Segundo Lavelberg (2014) a polivalência sobrecarregava o professor de Arte, pois o mesmo tinha que aprender um pouco de cada linguagem para depois ensinar, e tudo isso em um prazo de dois anos de formação. Sabe-se que este curto período não é suficiente para preparar o professor para um ensino de qualidade, visto que eram, o que hoje conhecemos como as quatro linguagens artísticas para aprender e depois lecionar. Mesmo com esta dificuldade formativa, os professores tinham que desenvolver grande capacidade de domínio destas linguagens e serem capazes de ensiná-las com eficiência.

Visto que este modelo de ensino, respaldado na pedagogia tecnicista, não valorizava os conhecimentos em Arte, mas sim, os métodos de ensino, então a LDB n. 9.394/96 sofreu alteração e os professores precisaram de formação específica para ensinar Arte.

Segundo a LDB 9.394 de 1996, em seu artigo 62:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (BRASIL, 1996, p. 26).

Nesse artigo não está explícita a correspondência entre o curso superior e a disciplina a ser ministrada na escola. Então, por este motivo se encontra professores de outra disciplina ministrando aulas de arte, somente para complementar carga horária. Percebe-se que a lei deixou essa questão muito ampla, passível de outros entendimentos e possibilitando que a Arte não seja lecionada como está posta na lei.

Já Ferraz e Fusari (2010, p. 51) apresentam reflexões acerca do trabalho docente “O compromisso com um projeto educativo que vise reformulações qualitativas na escola precisa do desenvolvimento, em profundidade, de saberes necessários para um competente trabalho pedagógico”. Logo, há necessidade de um amplo estudo teórico-prática que assegure ao educador uma consistente formação acadêmica.

Para alcançar o objetivo formativo percorrendo estes caminhos, o currículo das instituições formadoras precisa caminhar na mesma direção, ou seja, precisa atender estes anseios e estimular o futuro professor.

Pensar a formação dos professores (as) alicerçada na abordagem multicultural em um (re) pensar contínuo das *múltiplas linguagens* presentes no cotidiano escolar, em construir uma prática que respeite e fortaleça as *diferentes vozes* presentes na sala de aula, evitando que os próprios docentes sejam a fonte de juízos e atitudes preconceituosas e discriminatórias (COSTA, 2003, p. 23-24, grifo no original).

O professor ao ser incentivado possibilita um trabalho autônomo e criativo, que transcende o ensino verticalizado e a transmissão de conhecimentos. Mas o professor também precisa participar ativamente de sua formação e, Baumer explica como fazer isto.

Esse cumprimento consiste em participar de forma extraclasse, de atividades culturais como exposições de arte, apresentações artísticas como artistas ou apreciadores; participar de diversos cursos, seminários, palestras como ouvintes ou ministrantes, desenvolver e publicar produções científicas; participar de grupos de estudo, estágios não-obrigatórios e monitorias, entre outros (BAUMER, 2009, p. 82).

Pensando nessa formação o Parecer CNE/CP 28/2001 (2001, p. 12) aponta que “Na formação do ser professor, é imprescindível um saber profissional, crítico e competente e que se vale de conhecimentos e experiências”.

Após passar por todo este processo formativo, segundo a LDB 9.394/96 em seu Artigo 13, incisos I e II,

Os docentes incumbir-se-ão de: I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino. (BRASIL, 1996, p. 46).

Com isso, a lei reafirma a importância do professor, visto que o currículo e o projeto pedagógico da escola são as engrenagens para o desenvolvimento do ensino, e o educador precisa estar inteiramente envolvido neste processo.

O professor de Arte, além de passar por todo esse processo formativo, tem a incumbência de inserir o estudante no meio social através das linguagens da Arte, sendo este processo humanizador. Baumer (2009, p. 85-86) faz referência a Baron (2004) para explicar a responsabilidade atribuída ao professor de Arte, e isso se deve pelo fato que

[...] as artes podem renovar os poderes perceptivos e empáticos das inteligências de nossos sentidos, possibilitando a (re) sensibilização e auto compreensão necessárias ao cultivo da nova solidariedade reflexiva e da comunidade da qual precisamos para arriscar o novo'. (BARON, 2004, p. 37).

Visto a importância da Arte no contexto escolar Barbosa (2012, p. 18) acrescenta que “Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade por meio do ambiente, desenvolver a capacidade crítica [...] e desenvolver a criatividade [...]” e este aprendizagem o acadêmico precisa adquirir durante o processo de ensino da Arte na sua formação.

Segundo Miranda (2006), nos cursos de formação para o ensino de Arte nota-se a ausência da preocupação para a discussão acerca da cultura e da história da Arte, sendo esta componente da história da humanidade. O que ainda prevalece nesses cursos é supervalorização das técnicas de recorte, colagem, pintura, dobradura, pautada em uma repetição mecânica a fim de atender o mercado capitalista para a produção da mais-valia, e isso desumaniza o conceito, o ensino de Arte, e por consequência a formação do professor.

Portanto é necessário que a formação do professor de Arte seja alicerçada na reflexão, na autonomia e na valorização e profissionalização, enquanto sujeito primordial para o desenvolvimento intelectual de si mesmo e do estudante, e este processo formativo se complementa no trabalho teórico-prático, no espaço educativo, na docência do ensino de Arte.

4 O ENSINO DE ARTE: A REALIDADE ESCOLAR E A PRÁTICA DOCENTE

Para a etapa da pesquisa de campo foram selecionadas duas escolas municipais que atendem estudantes da 1ª fase do Ensino Fundamental. A instituição escolar “X” dispõe de dois níveis de ensino que são Educação Infantil e da 1ª Fase do Ensino Fundamental somente o 1º e 2º ano, e a instituição “Y” oferece a 1ª Fase do Ensino fundamental atendendo alunos do 3º ao 5º ano.

Somadas as duas escolas tem-se um total de 11 professores de Arte, destes 10 aceitaram participar da pesquisa. Dos participantes, 9 concluíram o curso de graduação, 7 em Pedagogia e 1 em Educação Física, 7 são pós-graduados, 1 tem o curso de mestrado e cursa Pedagogia. A carga horária de todos é de 40 horas semanais e trabalham em uma única escola.

Ao observar a formação acadêmica dos docentes, viu-se que um deles é formado em Educação Física, e isto pode comprometer sua atuação, visto que a preparação acadêmica é diferente de um pedagogo, principalmente na formação em Arte, e possivelmente este profissional possa encontrar maiores dificuldades na prática pedagógica no ensino do e componente curricular Arte.

Nas turmas dos 1º anos lecionam 3 professores de Arte; nos 2º também são 3; já nos 3º anos é somente 1, nos 4º são 3 e 1 destes professores que leciona no 4º, também leciona nos 5º anos. Sobre o tempo de atuação no Ensino Fundamental, 4 professores lecionam há mais de 4 anos; 1 entre 5 a 10 anos; e 5 já atuam há mais de 10 anos, 8 são concursados, 2 contratados e nenhum é voluntário.

Como instrumento de coleta dos dados optou-se pelo questionário semiestruturado, composto por 16 questões fechadas e abertas⁹, e destas, 6 perguntas eram de cunho pessoal e as demais específicas ao tema da pesquisa. No que diz respeito às questões específicas da atuação em Artes, na questão 7 dizia: Você gosta de ser professor de Arte? Do total 7 responderam que gostam, 2 não gostam e 1 não respondeu. Dos que gostam 4 justificaram:

É uma disciplina que os alunos gostam e participa (P. 1).

⁹ As respostas registradas pelos participantes foram transcritas de forma literal.

A arte contribui para o ensino e aprendizado dos alunos (P. 2).
 Por ser uma área de conhecimento e por está sempre em contato com a evolução do ensino (P. 3).
 Gosto de trabalhos manuais (P. 4).

Quando questionados quanto ao gosto de lecionar esta disciplina, ao menos duas respostas não apresentam argumentos pessoais, ou seja, o motivo de gostarem de ministrar Arte, pois sempre atribuem seu gosto a um aspecto fora dele, ou seja, o aluno. As respostas podem indicar que permanecem lacunas na formação básica desses professores, em razão, de respostas que não condizem com a pergunta, e ainda, da escrita que destoa da escrita oficial da Língua Portuguesa.

Dos 2 professores que disseram não gostar de lecionar Arte, 1 justificou sua resposta:

Não me identifico muito c/ essa disciplina (P. 9).

Na questão 8 buscou-se saber se já havia participado de curso de capacitação voltado ao ensino de Arte. Dentre as respostas 7 não participaram de nenhum curso de capacitação e 3 afirmam terem participado e indicaram o curso ou a formação.

Lamires companhia no teatro (P. 3).
 Brinquedista (P. 4).
 Formação continuada (P. 6).

O professor 3 registra que fez um curso na companhia de teatro (Lamira Artes Cênicas), porém, ao ser contatado posteriormente, via telefone, este informou que sua participação foi somente como apreciador da peça teatral. Quanto ao professor 4 não foi possível contato posterior, logo, não se sabe se este participou deste evento em que menciona de forma ativa (como participante) ou passiva (como ouvinte), conforme solicitava o questionário. Já o P. 6 participou de formação continuada, mas não especificou vinculação com a disciplina de Arte. Novamente nota-se que faltou interpretação quanto à questão proposta.

Aos que responderam negativamente à esta questão, perguntou-se ao participante como busca aprimorar a prática docente, e 5 justificaram:

Através de pesquisas e livros que falam sobre a disciplina (P. 1).
 Através de pesquisa em livros e na internet (P. 2)

Buscando e pesquisando (P. 5).
Pesquisando em livros, internet (P. 8).
Pesquisa na net. e leio algumas coisas p/ desenvolver minha aula (P. 9).

lavelberg (2014, p. 83) afirma que “a formação continuada dos professores de Arte [...], seguirá sendo importante, pois a atualização permanente diante dos avanços teóricos e práticos em cada uma das linguagens é uma necessidade”. A autora esclarece que o aperfeiçoamento acontece por meio de cursos presenciais ou à distância, cursos de extensão, especialização ou em outras modalidades, com encontros, palestras, seminários, simpósios dentre outros.

Coutinho (2008, p. 156) ainda acrescenta “Seria aconselhável também que a pesquisa fosse o método de investigação privilegiado. Pois é preciso desenvolver no professor a sua faceta de pesquisador, aquele que sabe buscar, relacionar e elaborar os conhecimentos”. Certamente, o espaço de atuação do educador possibilita, sobremaneira, que a pesquisa seja realizada, o qual comporta os elementos fundamentais para se pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem. Porém, não há no espaço escolar a prática da pesquisa, seja pela falta de tempo por parte do professor e/ou pelo fato de que pesquisar não é dado como importante pelo professor.

A respeito da quase inexistência de formação continuada dos docentes, visto que três afirmam ter participado de um curso ou espetáculo de arte, Castro, Ferreira e Mano apontam as consequências sobre a escassa formação cultural dos professores.

Se professores da educação básica raramente lêem ou vão ao cinema, teatro, salas de concerto ou exposição de artes visuais como podemos esperar que sejam capazes de proporcionar aos seus alunos experiências estéticas que nunca passam [...] sem deixar marcas em nosso comportamento [...]”? (FERREIRA; MANO, 2011, p. 553).

A partir dos dados coletados e posteriormente seguindo este raciocínio, percebe-se que as aulas de Arte ficam comprometidas pela falta de formação cultural.

Pode-se observar que nas respostas dadas pelos docentes que não participaram de curso de capacitação, que o uso da internet é uma constante para que aprimorem sua prática, mas se esta ferramenta tecnológica não for utilizada de

forma correta, a pesquisa não contribui de forma significativa para o aprendizado dos estudantes.

Consideramos necessário um esforço conjunto entre professores e cientistas da informação, ou bibliotecários para procurar as possibilidades da web e suas especificidades relativas às formas de aprender com as TICs e, [...], buscar estratégias de ensino que considerem a complexidade das situações de aprendizagem que delas decorrem (PADILHA, 2009, p. 119, 120).

Na questão nove buscou-se saber se a formação acadêmica o capacita para lecionar a disciplina de Arte. Dentre as respostas, 5 foram negativas e 5 positivas. Destas, 2 justificaram:

Pois tento pesquisa sempre conteúdos novo na aria de artes para passa para os meus alunos (P. 2).
Trabalhar com crianças já é uma arte (P. 4).

Os professores até respondem à pergunta, mas não é o que se espera considerando a legislação e a realidade, ou seja, a divergência que existe entre ambos. Na resposta do professor 2 percebe-se ao menos quatro problemas de escrita. Ao considerar que se trata de uma pessoa com nível de graduação, professor, alfabetizador espera-se que seu nível de escrita seja compatível com sua função. E mais, esse dado dá margem para se questionar as instituições de formação, bem como o (des) preparo desse professor para desenvolver de forma competente sua profissão.

E sobre a resposta do professor 4, pode-se deduzir que para o participante não há necessidade de uma formação específica do professor, visto que o trabalho com crianças já é uma arte. Nota-se que a justificativa do professor 4 faz afirmação da falta de compreensão teórica a respeito do desenvolvimento infantil e desconsidera a infância como fase fundamental no processo de aprendizado e como se não houvesse a necessidade de formação específica para o ensino da Arte na educação escolar.

Das respostas negativas, 3 professores justificaram:

Por mais que busco me aprofundar, ainda vejo que falta muito, devido a escarceiz de material e ainda não a formação (P. 1).
Pois os subsídios no acervo escolar não é suficiente. No entanto tenho que buscar subsídios em outras fontes (P. 3).
Não (é) foi um estudo aprofundado com relação ao assunto 'Arte' (P. 9).

Nas respostas denota-se que no processo de formação houve insuficiente conhecimento teórico e prático a respeito do ensino de Arte, e que são fundamentais para lecionar Arte na escola. Portanto, a falta de materiais didático/pedagógicos é um problema que se soma a defasagem da formação. De modo geral, percebe-se a necessidade de ampliação do conhecimento em Arte.

De acordo com a legislação em Arte, na Lei 5.692/71 o professor possuía caráter polivalente, ou seja, tinha que aprender todas as linguagens artísticas e desenvolvê-las em sala de aula, e isso fez com que cada linguagem perdesse suas especificidades. Mas com as lutas e embates realizados pelos arte-educadores, conseguiram em lei modificar esse quadro. Só que na prática pode-se observar que ainda há polivalência, visto que os professores que lecionam Arte não possuem formação específica para tal.

Em equivalência ao exposto, Lavelberg (2014) aponta que ainda algumas secretarias estaduais e municipais realizam concursos de efetivação de professor de Arte exigindo conhecimentos das quatro linguagens desenvolvidas nos PCNs, reforçando assim a visão de polivalência e retrocesso à atual legislação.

Posteriormente interrogou-se na questão 10, a respeito de haver ou não dificuldade em planejar as aulas de Arte. Observou-se que 6 responderam que sim e 4 assinalaram não. Dos que marcaram sim, 5 apontaram quais as dificuldades que possuem:

- A maior dificuldade é a falta de livros (P. 1).
- Pois a escola é carente nessa disciplina quanto material didático (P. 3).
- Falta de material pedagógico bem como espaço físico (P. 6).
- As vezes não encontro conteúdo relacionado ao assunto (P. 9).
- Falta de material de apoio e didático pedagógico (P. 10).

Constata-se que a maior dificuldade dos professores em planejar suas aulas de Arte está atrelada à falta de materiais específicos dessa disciplina. Lavelberg (2014) aponta também que em alguns casos, professores de Arte se sentem sozinhos em seus planejamentos, pelo fato de não encontrarem diálogos pertinentes a essa disciplina que possam ser úteis à elaboração de seus planos de aula.

Diante das questões e respostas acima apresentadas, considerando a falta de curso de capacitação, ineficiência na formação e dificuldade em planejar as aulas de Arte relatada pelos docentes, mesmo com toda essa pendência formativa, pergunta-se se eles teriam êxito em suas aulas se tivessem material suficiente. De

acordo com esta reflexão, os materiais seriam um pequeno problema diante do que vem sendo apresentado.

Aos professores, e principalmente os de Arte:

[...] para desenvolvermos o nosso trabalho com eficiência e qualidade, precisamos praticar ações tais como estudar, participar de cursos, buscar informações, discutir, aprofundar reflexões e práticas com os colegas docentes. É importante ainda participar das associações de professores, de arte-educadores, o que contribui para a atualização e o desenvolvimento profissional e político, em todos os níveis de ensino (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 52).

Na questão 11 procurou-se saber se nas aulas de Arte o professor consegue desenvolver atividades voltadas às quatro linguagens – dança, música, teatro e artes visuais. Tem-se 5 respostas positivas, 3 negativas, e 1 não respondeu. Nas justificativas positivas, há as respostas a seguir:

Quando eu acho material pedagógicos para isso (P. 2).
 Através das disciplinas temos os parâmetros curriculares, ou seja sempre procuro trabalhar de forma interdisciplinar (P. 3).
 Porque é uma disciplina que pode trabalhar o modo interdisciplinaridade (P. 5).
 Desenvolvo várias atividades voltadas a essas linguagens sim pois, todas possibilita trabalhar muitos conteúdos de todas as disciplinas ministradas na educação infantil (P. 6).

Nesta questão o P. 2 assinalou que sim, desenvolve atividades voltadas às quatro linguagens, mas ao observar sua justificativa, notou-se que estas aulas só acontecem se tiver material pedagógico. Então, na possibilidade de não haver material, a possibilidade dessas aulas acontecerem, são mínimas. Nas demais justificativas, observa-se que os professores relatam sobre interdisciplinaridade, sendo que esta, segundo o dicionário significa: “que estabelece relações entre duas ou mais disciplinas ou ramos do conhecimento”, ou seja, nesta questão está se tratando das quatro linguagens em Arte, o que não condiz com as respostas dadas acima.

Dos professores que marcaram não, 2 deram as seguintes justificativas:

As vezes (procuro) penso em me aprofundar mais sobre o assunto. Mas vejo que não tenho muita desenvoltura pra essa disciplina. Então Procuro desenvolver minhas aulas p/ que meus alunos aprendam a desenvolver algumas habilidades voltadas p/ tema (P. 9).
 Falta um conjunto de fatos (P. 10).

Nestas justificativas percebe-se que as dificuldades em trabalhar com as quatro linguagens são maiores que as possibilidades dessa prática acontecer. Bem como, da preocupação dos professores em oferecer aos alunos uma formação que desenvolva as habilidades artísticas nos alunos, porém ele (docente não se identifica com a disciplina) não se sente capacitado. E quando se diz que “falta um conjunto de fatos” (P. 10), nesse conjunto poderíamos incluir: insuficiente formação teórico-prática; falta de materiais; espaço físico inadequado e a falta de formação contínua.

Um professor não assinalou nenhuma das duas alternativas, mas justificou:

Nem sempre (P. 1).

A questão número 12 buscou-se saber quais documentos e materiais que o professor utiliza para o planejamento da aula de Arte. No quadro 1 estão descritos os materiais e a quantidade de professores que fazem uso de dos mesmos.

TABELA 3 – USO DE MATERIAIS PELOS PROFESSORES		
MATERIAIS	IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR	QUANTIDADES DE RESPOSTAS
Projeto Político Pedagógico	P. 2 e P. 3	2
Livro Didático	P. 1, P. 2, P. 3, P. 7 e P. 8	5
Parâmetros Curriculares Nacionais em Artes	P. 2 e P. 5	2
Consulta à internet	Todos os professores	10
Livros e revistas de pesquisadores da área	P. 2, P. 3, P. 4, P. 5 P. 7 e P. 9	6
Outros	P. 6	1

Fonte: Autora (2019).

lavelberg (2014) afirma que muitos documentos curriculares possuem como base os PCNs e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica-DCNED, mas muitos currículos seguem teorias específicas das equipes dos elaboradores, que fazem suas próprias escolhas. Muitos documentos utilizados para planejar dão liberdade aos professores para adaptarem os conteúdos propostos à realidade de seus alunos, sendo estes documentos apenas uma base, um norte para guiar a prática docente. Percebe-se este exercício na ação de planejamentos dos professores, sendo que utilizam destes documentos e outros aportes, adaptando-os à realidade da escola e das crianças.

Nas respostas dadas, verifica-se que o P. 6 planeja somente com o auxílio da internet, o que pode ser comprometedor ao ensino de Arte se a pesquisa na internet não ocorrer de forma sistemática e consciente, pois segundo Belluzzo:

Face à complexidade decorrente do volume de dados contraditórios, falsos, fidedignos, incoerentes ou não, incompletos ou não, pertinentes ou sem nenhum significado ou relevância, é preciso ser seletivo, com a capacidade de comparar, categorizar, representar, inferir, transferir e interpretar criticamente a informação disponibilizada em meio tradicional e eletrônico, transformando-a em novo conhecimento. (BELLUZZO, 2005, p. 37).

A questão que se segue de número 13 buscou-se saber se a escola oferece recursos (equipamentos, materiais) para o desenvolvimento das aulas de Arte. Das respostas, 9 foram afirmativas e 1 negativa, cuja resposta não teve justificativa. Dos professores que marcaram sim, 8 justificaram suas respostas:

O basico (P. 1).
 Mais muito pouco (P. 2).
 Internet, revistas, cartolinas, colas, tintas, livros e outros (P. 3).
 Cartolina, cola, tinta guache, barbante, papel cartão, cola quente (P. 4).
 Livros, revistas, sucatas e xerox (P. 5).
 A escola oferece mas em quantidade insuficiente (P. 6).
 Data-show- computadores, caixa de som, net (P. 9).
 O basico, cola, papel crepom, E.V.A, TNT, tinta guache, cola corida e tesoura (P. 10).

De acordo com as justificativas as afirmações de falta de materiais:

[...] que as atividades artísticas devem permitir o amplo desenvolvimento de ações diversificadas e simultâneas por parte das crianças jogos, artes, faz-de-conta, leitura, etc., chegando até mesmo a ponto de apresentar uma relação de materiais cuja presença deve ser obrigatória nas instituições de educação fundamental: mobiliário; brinquedos; livros; lápis; papel; tintas; pincéis; tesoura; cola; massa de modelar; argila; jogos diversos; blocos para construção; sucata; roupas, panos e adereços para a criatividade do educando. (BACARIN, 2005, p. 175).

Na sequência interrogou-se na questão 14 qual grau de importância da disciplina de Arte frente às demais disciplinas, sendo Arte “mais importante”; “menos importante”; ou se tem a “mesma importância”. 1 professor afirmou ser mais importante, porém não justificou a resposta, e 9 afirmaram ter a mesma importância, porém o P. 9 justificou sua resposta contradizendo o que assinalou, então seis justificaram:

Os alunos se desenvolvem tanto quanto nas outras disciplina. (P. 1).
 Sim pois todas desenvolver o ensino e o aprendizado do aluno (P. 2).
 Pois é através do lúdico que a criança desperta o gosto pela criatividade (P. 3).
 A mesma pois todas você aprende desenvolve a mente e raciocínio (P. 4).
 Considero uma disciplina capaz de possibilitar o educador instigar uma “gama” de conhecimentos do educando (P. 6).
 Vejo assim: Como não é uma disciplina que não tem o mesmo peso das outras. As vezes o professor pode deixar a desejar, quanto a focar mais no assunto, mas é uma matéria que desenvolve várias habilidades importantes p/ desenvolvimento motor, psicológico e vários outros (P. 9).
 É uma disciplina que exige concentração, atenção e regras (P. 10).

Sabendo da importância da Arte, Rodrigues (2013, p.78) afirma que “[...] nas tendências contemporâneas de ensino de arte na escola, o foco frequentemente encontra-se no processo de ler, criticar, fruir, interpretar, praticar [...]”, então, diante dos “pesos” das demais disciplinas a Arte não fica inferiorizada, em teoria, pois na prática a configuração é outra. Nesta perspectiva:

Ainda que professores especialistas e não especialistas acreditem nas vantagens do ensino em artes e apontem alguns desses benefícios, eles são incapazes de apresentar justificativas para suas crenças e também não têm clareza sobre como trabalhar com artes para que esses benefícios ocorram (ALMEIDA, 2012, p.13).

A questão 15 perguntou-se se realiza atividades de Artes articuladas às demais disciplinas. Todas as respostas foram positivas, e seguem as justificativas.

Através de atividade interdisciplinar (P. 1).
 Sim acredito que melhorar o aprendizado com leitura e na escrita e pintura (P. 2).
 Pois a interação com outras disciplinas o aluno descobre novos horizontes (P. 3).
 De forma dramatizada, através do lúdico (P. 4).
 Através de fantoches músicas, por exemplo que posso trabalhar higiene, valores para a vida, letramento, etc (P. 6).
 Aulas de história geografia sempre procuro planejar interdisciplinar (P. 8).
 De maneira interdisciplinar (P. 9).
 Nas brincadeiras (P. 10).

Sabendo da importância da interdisciplinaridade o PCN de Arte (1997, p. 19) aponta que “Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo”, embora a Arte não estar a cargo destas. Quando se atribui este tipo de rotulação à Arte, segundo Tourinho (2008) “recriamos uma espécie de dieta dicotômica que, de um lado, tenta amordaçar a mágica e, de outro, tenta escravizar o conhecimento e o Ensino da Arte” (p. 32). Rodrigues (2013)

ainda acrescenta para além da história, é possível estabelecer relações de interdisciplinaridade com outros campos do conhecimento, como a psicologia, tecnologia, ecologia, educação física, ciências sociais, políticas, dentre outras. Kramer ainda acrescenta:

[...] o conhecimento interdisciplinar se torna fundamental diante do esfacelamento do homem e do saber. É contra um saber em migalhas e contra uma ciência cancerizada que se levanta a exigência interdisciplinar. [...] o interdisciplinar supõe nova definição de categorias e métodos, fecundando-se as disciplinas umas às outras, desintegrando um saber cristalizado, mofado, pasteurizado, em direção a uma ciência do homem (KRAMER, 2007, p. 23-24).

Por fim, foi perguntado sobre a concordância ou não, de ser o pedagogo o docente a lecionar Arte no Ensino Fundamental. Nas justificativas, 1 respondeu que não, 1 não respondeu e 8 responderam que sim. Destes, seguem as respostas.

Mas tem que haver formação para eles, ofertada pela secretária (P. 1).
A prática do pedagogo nesse nível é essencial para o professor descobrir os talentos nos alunos e incentivar os desmotivados (P. 3).
Ajuda a desenvolver a criatividade através, da dança, música, trabalhos manuais (P. 4).
Através do fazer artístico o ser humano desenvolve-se em vários aspectos, q/ independente da fase da vida trás benefícios (P. 6).

As justificativas apresentadas apontam que o pedagogo está preparado para lecionar Artes, embora deva haver preocupação com melhor formação para tal. Sabe-se que o pedagogo segundo o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia é capacitado para a

- docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas disciplinas pedagógicas do curso do Ensino Médio na modalidade Normal, assim como em Educação Profissional, na área de serviços e apoio escolar [...] (PPC, 2007, p. 26).

Na justificativa do P. 3 vê-se que a argumentação se refere ao modelo tradicional do ensino de Arte, sendo esta voltada para a reprodução de objetos de arte, sem teorização sobre o que está sendo reproduzido, cuja discussão é totalmente contrária a perspectiva de Arte que se apresenta e se adota nesse estudo.

Nesse sentido, os autores tomados para estudo apontam outra perspectiva para arte, da Arte como conhecimento, no seu ensino que tem conteúdo a ser aprendido, e, portanto, e rompe ao que foi implantado há dois séculos, da Arte como expressão sem reflexão, ou de Arte como contemplação ou reforço para outras disciplinas. Assim, tem-se uma Arte oportuna a compreensão do mundo, da vida, no sentido da criticidade através de sua consciente articulação.

O professor que assinalou não apresentou sua justificativa:

Vejo que não, por que não é uma disciplina que todos os professores se identificam. Portanto vejo que tinha que tinha que ser um professor capacitado na área (P. 9).

Pode-se constatar que a realidade é diferente do que está proposto em lei, pois no Projeto de Lei nº 4, de 2011 (p. 4) afirma que “II – As atividades serão sempre ministradas por professores com formação específica, nas diferentes séries”. Observa-se que mesmo nas justificativas positivas, há preocupação com a formação continuada, sendo que nenhum deles tem formação específica para lecionar Arte, logo, a oportunidade de formação continuada nessa área é de fundamental importância.

Portanto, embora a lei não tem sido cumprida na sua integralidade, há professores que, apesar das dificuldades de atuação, em função da deficiência na formação acadêmica, somado a falta de material pedagógico no ambiente escolar, tem atuado na área de Artes. Porém, é necessário amenizar as dificuldades dos professores na área, e deve se dar na busca constante e permanente por sua própria capacitação, pois a legislação proposta para arte ainda é uma utopia, embora ter adquirido mudanças positivas, mas ainda precisa passar por mudanças maiores para alcançar a configuração que os arte-educadores tanto almejam e que a educação brasileira tanto precisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi de compreender o ensino de Arte no contexto escolar na 1ª fase do Ensino Fundamental. Especificamente objetivou-se conhecer o percurso histórico do ensino de Arte no Brasil e a inserção dessa disciplina na educação básica; refletir sobre este ensino e a formação docente e identificar os desafios da prática docente em Arte em duas escolas municipais da cidade de Miracema do Tocantins.

Na pesquisa e escrita desse estudo constatou-se que a Arte passou por mudanças consideráveis e significativas até chegar à configuração que temos atualmente. Concebia-se a Arte como técnica para o desenho no século XIX, compreensão e prática que se seguiu até os anos de 1930, quando a Escola Nova, fundamentada na perspectiva da psicologia centra a aprendizagem no aluno e a Arte para ser compreendida como livre-expressão. Hoje, deixou de ser uma disciplina optativa e, mesmo que a formação esteja voltada para o mercado de trabalho, pelo ensino de Arte é possível para atender às demandas da educação, visto que suas contribuições intelectuais superam uma simples contemplação de um objeto artístico, e oportunizam a formação humana.

Ao perpassar a legislação, constatou-se que a Arte é um componente recente no currículo escolar, sendo que na primeira LDB nº 4.024/61 essa disciplina não era obrigatória. Somente na reforma 5.692/71 que o ensino de Arte passou a ser obrigatório, mas como atividade e não como disciplina no 1º e 2º graus. Após 25 anos, na LDB de 9.394/96 a obrigatoriedade deste ensino passou a valer para todos os níveis da Educação Básica, a fim de proporcionar formação cultural para os alunos.

Todas essas conquistas se justificam, principalmente, pela luta dos arte-educadores e demais pessoas engajadas que lutaram e ainda lutam para que a Arte continue fazendo parte do quadro educacional. A Arte como disciplina que contribui com a formação crítica, em um olhar sensível para a realidade, rompendo, desta forma, com o objetivo inicial da Arte, como se a Arte não necessitava ser ensinada, era apenas proposta como atividade de relaxamento e de livre expressão da criança, com produções sem questionamentos e sem reflexão.

Embora sendo uma luta importante, a pesquisa em questão mostrou que os arte-educadores precisam continuar lutando para que a arte não venha a regredir

e voltar a ser uma disciplina de base técnica, de aperfeiçoamento da mão de obra, ou continuar a ser utilizada como reforço para aprender outras disciplinas; como meio de relaxamento ou desinibição da criança. Pois nota-se que a Arte permanece ainda relacionada ao fazer artístico, deixando de lado toda a criticidade que a arte exige e propicia. O ensino da Arte precisa estar vinculado ao processo de reflexão “Assim, o fazer artístico está pautado na reflexão e nas condições propícias para a expressão e criação de novos códigos de interpretação da realidade” (CANDA; BATISTA, 2009, p. 08).

A pesquisa apresentou dados que revelam o contexto da realidade educacional. Observou-se que a lei não é cumprida em sua íntegra, pois o Projeto de Lei nº 4 de 2011 é claro quanto à formação específica dos professores que lecionam Arte, e nenhum dos participantes da pesquisa possuem esta formação. A maioria tem formação em Pedagogia, curso que habilita para atuar na disciplina, porem, revelam deficiência formativa.

Constata-se também que os participantes consideram num mesmo grau de importância da disciplina da Arte com relação às demais. Contudo, de acordo com os dados, a Arte ensinada na escola está relacionada a produção artística, sem o acréscimo da criticidade tanto exigida pela Abordagem Triangular sistematizada por Barbosa (2012).

Notou-se ainda que a disciplina é muito utilizada para realizar datas comemorativas nas referidas escolas, sendo que quando se realiza algum evento, a arte se faz presente para confeccionar algum desenho, ou brinquedo que será utilizado na comemoração de determinada data festiva. Constatou-se que a arte serve como relaxamento para que as crianças possam descansar entre as disciplinas consideradas “mais pesadas”, como exemplo Português e Matemática, que “exigem mais do aluno”. E, é esta compreensão de Arte e esta prática artística que precisa ser mudada, tanto na compreensão do professor sobre o sentido da arte quanto na sua práxis pedagógica.

Como citado anteriormente a aula de Arte é utilizada para a reprodução, confecção de objetos, brinquedos. Essa constatação caminha na contramão do que propõem as leituras realizadas para a realização da pesquisa. Então, de acordo com a perspectiva teórica da Abordagem Triangular de Barbosa (2011), esta prática realizada por mera reprodução é considerada sem objetivo, finalidade ou questionamentos acerca do que está se produzindo, e ao menos se sabe para quê,

para quem e por que, o faz. Tudo isso deve fazer sentido e ser contextualizado. A criança precisa aprender a fazer a leitura do que se propõem a ela, e sabendo fazer reflexão, ela consegue decodificar a sua realidade.

Quanto ao planejamento das aulas de Arte percebeu-se que o Plano Anual é atendido pelos docentes, pois as atividades previstas para o ano letivo aparecem nos planos de aula dos professores. Vê-se que os professores seguem um Plano de Aula, porém, o conteúdo desse documento revela também as deficiências da própria formação do professor e as dificuldades que apontam na prática docente em Arte.

Ao buscar compreender o contexto do ensino de Arte na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental, o estudo também revelou que a formação em nível de graduação ainda não superou as demandas de formação geral com uma qualidade da educação básica que se espera.

Nesse sentido, é notório que a educação no Brasil precisa com urgência passar por reformas, os professores precisam buscar mais sua auto formação, levando em consideração as leituras realizadas, a formação cultural não é adquirida em cursos de graduação ou de capacitação, mas o esforço é espontâneo, tem que surgir do próprio profissional em educação, ou pelo contrário nem adianta prosseguir com este ofício que é tão sério e importante para as crianças, sendo que se o professor não está capacitado e não possui formação básica possivelmente não tem “bagagem” para ensinar seus alunos tudo que já viveu como experiência formativa.

Constata-se a falta interesse da gestão pública em possibilitar formação básica de qualidade a todos, necessita-se de formação específica para os profissionais da área de Arte e nota-se a ausência de interesse por parte de muitos docentes em aceitar essa situação e cruzar os braços diante de sua própria e precária formação. Faz-se necessário a formação continuada dos professores que lecionam Arte na escola. Cursos que podem ser ofertados pela secretaria da educação do Estado e Município e pela Universidade Pois, é fundamental que o professor tenha interesse pela autoformação e que tenha acesso aos espaços de cultura para melhor formação humana.

Diante disso, pode-se considerar que os desafios dos espaços educacionais, desde a educação básica, perpassando pela graduação e avançando aos cursos de pós-graduação, necessitam de um olhar mais acurado sobre a

formação geral e, especificadamente, sobre a formação artística e sua ampla valorização.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Concepções e práticas artísticas na escola**. In: FERREIRA, Sueli. (Org). O ensino das artes; construindo caminhos. 10. ed. São Paulo: Papiros, 2012.

BACARIN, Lúgia Maria Bueno Pereira. **O movimento de arte-educação e o ensino de arte no Brasil: História e política**. 2005. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá, Paraná.

BARBOSA, Ana Mae. **As mutações do conceito e da prática**. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). Inquietações e mudanças no ensino de arte. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 8. ed. 2. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BAUMER, Édina Regina. **O ensino da arte na educação básica: as proposições da LDB 9.394/96**. Dissertação (Mestre em Educação). 2009. 94 f. Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Criciúma, SC.

BELLO, Lucimar. **Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões?** In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). Inquietações e mudanças no Ensino da Arte. 5. ed.- São Paulo: Cortez, 2008.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competência na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. **Educação Temática Digital**- ETD, Campinas, v. 6, n. 2, p. 30-50, jun. 2005.

BRASIL. (1961) **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024/1961**, de 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <http://wwwp.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2017.

_____. (1971). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692/1971**, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 16 fev. 2017.

_____ (1997). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1997. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.html. Acesso em: 13 fev. 2017.

_____ (2008). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 11.769/2008**, de 18 de agosto de 2008. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm. Acesso em: 03 fev. 2017.

_____ (2017) **Legislação Informatizada- nº 13.415** de 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-publicacaooriginal-152003-pl.html>. Acesso em: 12 dez. 2018.

_____ (2013) Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16 out. 2017.

_____ **Parecer CNE/CP 28/2001**. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Brasília, 02 de outubro de 2001.

_____ **Parecer Conselho Federal de Educação – nº 540/77**. Edília Coelho Garcia, Amaury Pereira Muniz.

_____ (2010). **Projeto de lei n. 7032-B**. Câmara dos Deputados. Senado Federal. Brasil: 2010.

_____ (2011) **Projeto de Lei n. 4**. Câmara dos Deputados. Senado Federal. Brasil: 2011.

_____ (1997) Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte/ Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2018.

CANDA, Cilene Nascimento, BATISTA, Carla Meira Pires. Qual o lugar da arte no currículo escolar? **R. cient./FAP**, Curitiba, v.4, n.2 p.107-119, jul./dez. 2009.

CASTRO, Célia Maria de. FERREIRA, Sueli. MANO, Marcel. Contribuições da cultura, imaginação e arte para a formação docente. **Revista Educação e Filosofia Uberlândia** v, 25, n. 50, p. 539-556, jun/dez 2011.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

Constituição do Estado do Tocantins, 1989. Disponível em:
<https://central3.to.gov.br/arquivo/61508/> Acesso em: 13 fev. 2017.

CORREA, Cíntia C. M. Atitudes e valores no ensino da arte: após a Lei 4.024/61 até a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- Lei n. 9.394/96. **Ecos-Revista científica**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 97-113, jan./jun. 2007.

COSTA, Graça dos Santos. **Currículo e cultura**: um debate contemporâneo sobre a tensão do multiculturalismo no campo do currículo tomando como estudo cursos de pedagogia. 2003. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Québec à Chicoutimi, Canadá em convênio com a Universidade do Estado da Bahia/Campus VII- Senhor do Bonfim, Bahia.

COUTINHO, Rejane G. **A formação do professor de Arte**. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Porque Arte-Educação?** 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

DUARTE, N. 2008. **Arte e formação humana em Lukács e Vigotski**. GT-17: Filosofia da Educação. UNESP. Disponível em:
<http://www.anped.org.br/biblioteca/item/arte-e-formacao-humana-em-lukacs-e-vigotski>. Acesso em: 09 nov. 2008.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Arte na educação escolar**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FISCHER, Ernest. **A Necessidade da Arte**. Trad. Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Koogan, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

IABELBERG, Rosa. **O Ensino de Arte na Educação**. *Revista USP*, São Paulo, n. 100, p. 47-56, dez/jan/fev. 2014.

_____. Rosa. O professor em foco na arte-educação contemporânea. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 82-95, jan/abr. 2016. Disponível em: [www.http://ser.ufrgs.br/gearte](http://ser.ufrgs.br/gearte). Acesso em: 20 out. 2018.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. – 3. ed. 5. impressão. São Paulo: Ática, 2007.

MARTINS, Adriana dos Reis. **As entrelinhas do ensino das artes na educação básica. Teatro: criação e construção de conhecimento** [online], v.2, n.2, Palmas/TO, jan/jun. 2014.

MIRACEMA DO TOCANTINS. **Plano Municipal de Educação**. Secretaria Municipal de Educação. Miracema do Tocantins: TO, 2015.

MIRANDA, Maria Fabiana Skeff de Paula. **O professor das séries iniciais e o ensino de Arte**. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, 2006.

O SORRISO de Monalisa. Direção: Mike Newell. EUA: 2004.

PADILHA, Maria Auxiliadora. A pesquisa de conteúdos na web: co-partilhando ideias entre a ciência da informação e a educação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 14, n. 28, p. 115-134, 2009.

PROJETO Pedagógico do Curso de Pedagogia. Universidade Federal do Tocantins. Miracema do Tocantins. Tocantins. 2007.

PROJETO Político Pedagógico. Escola “X”. Miracema do Tocantins. Tocantins. 2016.

_____. Escola “Y”. Miracema do Tocantins. Tocantins. 2018.

RICHTER, Sandra. Infância e imaginação: o papel da arte na educação infantil. In: PILLAR, Analice Dutra. (org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. 6.. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

RODRIGUES, Carla Cunha. Sobre tempos e lugares no currículo escolar brasileiro. **Espaço do currículo**, Paraíba, v. 6, n.1, p. 69-80, janeiro a abril de 2013.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **A criança e o artista**: Fundamentos para o ensino das artes plásticas. 2. ed. Campinas- SP: Papyrus, 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Maria Luiza Passos, CARVALHO, Carla. A formação estética do professor: conceitos de artes visuais. **Revista do grupo de pesquisa Educação, Artes e Inclusão**, Santa Catarina, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/1628/1317>. Acesso em: 19 nov. 2018.

TOURINHO, Irene. Transformações no ensino da arte: algumas questões para uma reflexão conjunta. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em Arte**: um paralelo entre a arte e a ciência. 4. ed. Revista: Campinas, SP: Autores associados, 2012. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 59).

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Prezado (a) respondente, este questionário faz parte do instrumento de coleta de dados correspondente à etapa da pesquisa de campo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que tem como objetivo compreender **O ensino de Arte no contexto escolar: Reflexões sobre a 1ª fase do Ensino Fundamental**. Será realizado um levantamento geral sobre os traços característicos da concepção do ensino de artes, de política e gestão educacional que orientam o processo educativo das quatro linguagens artísticas na escola Municipal Vilmar Vasconcelos Feitosa que atende estudantes da Educação Infantil e 1ª fase do Ensino Fundamental. Esclarecemos que a sua participação na pesquisa não oferece nenhum risco e que o pesquisador responsável se compromete a desenvolvê-la dentro dos princípios da ética e da ciência. Esclarecemos, ainda que ao responder este questionário você está autorizando a utilização das informações contidas em suas respostas em eventos e publicações acadêmico-científicas. Informamos que será garantido o anonimato dos dados coletados neste questionário em conformidade com as determinações do comitê de ética em pesquisa da UFT. Contamos com a sua valiosa colaboração e antecipadamente agradecemos.

Tema: O ENSINO DE ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR: reflexões sobre a 1ª fase do Ensino Fundamental.

Orientadora: ROSEMERI BIRCK

Acadêmica: BRENDA FARIA BRAGA DE SOUSA

Questionário

Nome (opcional): _____

Idade:

() Até 20 anos () 21 a 30 () 31 a 40 () 41 a 50 () Mais de 50

1. Nível de formação/curso:

() Magistério
 () Graduação Incompleta - curso: _____
 () Graduação Completa – curso: _____
 () Pós-Graduação – curso: _____

2. Carga horária:

() 20 horas () 40 horas () 60 horas

3. Trabalha em quantas escolas?

() uma () duas () três () quatro

4. Em quais turmas você ministra a disciplina de Arte?

() 1º ano () 2º ano () 3º ano () 4º ano () 5º ano

5. Tempo de atuação no Ensino Fundamental:

() Até 5 anos
 () de 5 a 10 anos
 () Mais de 10 anos.

6. Vínculo empregatício:

Concurso Contrato Voluntário

7. Você gosta de ser professor de Arte?

Sim Não

Justifique: _____

8. Você já participou de curso de capacitação voltado ao ensino de Arte?

Sim Não

Se sim, qual foi o curso _____

Se não, como você busca aprimorar sua prática? _____

9. Sua formação dá suporte para lecionar com eficiência a disciplina de Arte?

Sim Não

Justifique: _____

10. Tem dificuldade em planejar as aulas de Arte?

Sim Não

Se sim, quais? _____

11. Nas aulas de Artes você consegue desenvolver atividades voltadas as quatro linguagens – dança, música, teatro e artes visuais.

sim não

Comente sua resposta _____

12. Quais documentos e materiais que você utiliza para o planejamento da aula de Arte? PPP Livro didático PCNs em Artes

Consulta à internet Livros e revistas de pesquisadores da área

Outros: _____

13. A escola oferece recursos (equipamentos, materiais) para o desenvolvimento das aulas de Arte?

Sim Não

Quais _____

14. Qual grau de importância da disciplina de Arte frente às demais disciplinas.

Mais importante

Menos importante

Mesma importância

Justifique: _____

15. Você realiza atividades de artes articuladas às demais disciplinas?

Sim Não

Justifique: _____

16. Você concorda que o pedagogo deva lecionar Arte no Ensino Fundamental?

Sim Não

Justifique: _____